

APROVÍNCIA

Semanário

AVENÇA

INFORMAÇÃO .. CULTURA .. RECREIO

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 467
MONTIJO

DIRECTOR
ÁLVARO VALENTE

NADA de novo, afinal, existe sobre a terra.

Apesar das maravilhosas descobertas científicas, o homem continuará a ser, pelos tempos fora, o mesmo animal de sempre. E sejam quais forem as posições sociais dos indivíduos, essa animalidade jamais os abandona, ainda mesmo quando a inteligência parece querer distingui-los dos outros mortais.

A afirmação que inicia este artigo, parece não se coadunar com as constantes novidades que dia-a-dia surgem dos rotativos. Todavia, tem a sua razão de ser: — tudo quanto é novo sobre a terra foi previsto por homens mais ou menos esclarecidos.

Analisando cada coisa de per si, e a par e passo, chega-se à formal conclusão de

que, afinal, as bases intrínsecas de qualquer inovação assentam sempre nos pontos primordiais de partida.

Nada há de novo, afinal, que não tenha uma justificação.

Nesta luta milenária entre a matéria e o ideal parece-

medo ou tem medo porque foge?

A luz do materialismo e do idealismo podemos dar resposta diversa à pergunta; no entanto, não podemos concretizar plenamente o estarmos com a razão.

Melhor: cada um tem a

pétua, de que uma maior ou menor, activa ou passiva, discordância entre os homens.

Há, certamente, mil maneiras de fazer a mesma coisa e outros tantos indivíduos estarão dispostos a prová-lo, embora apenas dois estejam

intimamente se guardam ou defendem, é que nem todos são suficientemente Homens, com H maiúsculo, para manter.

Atropela-se o companheiro que luta pelo mesmo objectivo, procura-se atrair as atenções, destacar o seu nome. Pouco importa que os amigos sejam atingidos, que aqueles que lutam por um mesmo ideal se apaguem e fiquem vergados sob o peso de maquiavélicas cabalas; o que é preciso é avultar, ser o único, o mais sublime.

Tantos egoísmos e tão torpe vida para tão curta existência nada justifica, mas continuaremos, pelos tempos fora, a assistir, tristes mas impotentes, à desmedida e incongruente ambição dos homens.

Em que nos tornamos

Por José dos Santos Marques

-nos que, frequentemente, mudam as posições: tão depressa uma está na vanguarda como a outra ocupa o lugar desta.

Não me esquece jamais a questão posta por um amigo meu: Você foge porque tem

sua razão, e enquanto continuar a haver várias razões para o mesmo caso, terá que haver discordância entre os homens.

E, bem analisada, a vida do dia-a-dia não é mais do que uma discordância per-

dispostos a morrer pela sua teoria.

E por esta mesma razão, o que confrange é que apenas dois estejam dispostos a lutar até ao sacrifício.

Sinceridade, luta plena pelas ideias que timidamente,

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

CONFERÊNCIA

«A MENSAGEM DE KELEN KELLER», pela Senhora D. Maria Lúcia da Silva Rosa

Presidiu o sr. Dr. Domingos Braga da Cruz, ilustre Governador Civil do Porto, que se fez ladear pelas sr.ªs D. Maria José Novais, antiga parlamentar e D. Isaura Correia Santos, escritora, e pelos srs. Capitão-Tenente Manuel Ventura da Cruz, em representação do Comandante do porto do Porto; Dr. Sousa Costa, escritor e académico; Prof. J. Albuquerque e Castro, do Instituto de Cegos de S. Manuel; Prof. José Lobato Junior, Director do Distrito Escolar do Porto; Dr. Eduardo Ralha, representando o Clube Feminiano Portuenses; Dr. António Paúl, em representação do sr. Delegado de Saúde do Porto; Dr. António Emílio de Magalhães, Director da Liga Portuguesa de Profilaxia Social.

O Sr. Governador Civil

referiu-se à Conferente nos seguintes termos:

A Sr.ª D. Maria Lúcia da Silva Rosa dirige a revista «Os Nossos Filhos», que fundou em 1942. Nessa revista tem procurado ajudar os pais na sua delicada missão educativa, interessando-os profundamente nos problemas de pedagogia e de psicologia infantil e nos problemas da maternidade e da infância. Tem procurado despertar o interesse geral pelos problemas actuais da criança, sejam eles os que dizem respeito à saúde física, ou aqueles que se possam relacionar com o seu desenvolvimento integral.

Ultimamente tomou a louvável e simpática iniciativa de, sob o ponto de vista educativo, psicológico e artístico, de interesse verdadeiramente nacional, dar a todas as

crianças portuguesas a oportunidade de exprimirem pelo desenho livre o que pensam, o que sentem e como vêem a sua própria Terra, quer seja sob o ponto de vista da paisagem, dos costumes ou dos seus habitantes; iniciativa que foi designada por «Portugal visto pelas suas crianças». Esta actividade é já um facto, e principiou pela capital, onde, com a preciosa colaboração que lhe tem sido, e continua a ser, prestada pelos Serviços Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, as crianças têm dado magníficas provas das suas possibilidades criadoras e artísticas, permitindo-nos estudar desenvolvidamente a psicologia e capacidade artística da criança portuguesa.

Focou em seguida alguns dos seus trabalhos literários citando: livro de contos «Negro e Cor de Rosa», «A Mulher, dona de casa», que versa assuntos de economia doméstica e «Joaninha quer casar», destinado à juventude feminina.

E a terminar a sua apresentação o sr. Governador Civil referiu-se ainda à conferência que, em 1946, a sr.ª D. Maria Lúcia proferiu no Porto, também a convite da Liga de Profilaxia, intitulada «Pela Criança», que deixou belamente impressionados todos os que tiveram a felicidade de a ouvir.

(Continua na página 4)

Portugal Pitoresco BRAGA

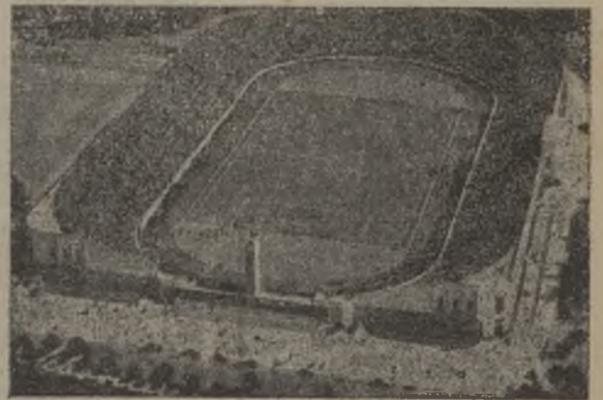
Subindo ao Bom Jesus do Monte, pelo ascensor que ali conduz, observa-se um dos mais deslumbrantes panoramas de Portugal.

Os horizontes, a perder de vista, podem observar-se por um óculo de longo alcance que se encontra no vasto recinto de entrada, e o

ao Sameiro com suas escadarias modernas, seus monumentos grandiosos, e mais panoramas de encantar.

Na volta, é de aconselhar a descida pelas escadarias originais, visitando as capelas que estanciam nas praças intercaladas nos lances

Estádio Municipal 28 de Maio



deslumbramento cresce de interesse.

Os jardins, o santuário, os lagos com trechos surpreendentes, o arvoredado, as ruas de arbustos policromos, os pavilhões espalhados pelas matas, as mil e uma facetas do formoso paraíso, tornam o Bom

dessas escadarias, e continuando a admirar as paisagens variadas que acompanham a descida.

Na cidade, não se deve esquecer a visita ao Estádio Municipal 28 de Maio, de recente construção, o qual, pela sua imponência e vasti-



Lago do Bom Jesus do Monte

Jesus do Monte um dos lugares mais adoráveis da linda provincia do Minho.

Subindo ainda, a pé ou em qualquer outro meio de transporte, que ao alto se encontra para satisfação do visitante, pode-se chegar

dão, é um dos melhores do nosso país.

Portugal Pitoresco tem, na cidade de Braga e no Bom Jesus do Monte, um dos seus mais esplendurosos capítulos.

MOTO Suplemento Quinzenal de **APROVÍNCIA** sob a direcção de José dos Santos Marques

O próximo número publicará:

Entre dois Fogos • A Federação e a distribuição de prémios • Campeonato de Portugal para Motos, Scooters e Velomotores • Apontamentos... e Tesouradas • O Scooter Famel e a Sanglas Montanha • O Rali de Sao Martinho • A nova Guzzi 175 c. c. • Duas sensacionais entrevistas a propósito do Troféu «BRIO DESPORTIVO»

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO
Consultas em Sarilhos Grandes,
às 9 horas, todos os dias, excepto
às sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. J. Sousa Correia

CLÍNICA DENTÁRIA
Dentes artificiais e consertos
Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr. Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto
Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.ªs e 6.ªs feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Parteiras

Felisbela Victória Pino

Parteira - Enfermeira
Partos, injeções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
TELEF. 026 487 — MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira

Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Armada Lagos

Parteira-Enfermeira
Ex-estagiária das Maternidades de
Paris e de Strasbourg.
De dia - R. Almirante Reis, 72
Telef. 026038
De noite - R. Joaquim d'Almeida, 102
MONTIJO

Organizações

Progresso

Oçam todas as 3.ªs feiras às
13 horas, através do Clube
Radiofónico de Portugal o
programa «REVISTA DES-
PORTIVA», uma produção de
Fernando de Sousa, com o
patrocínio deste jornal.

REVISTA DESPORTIVA

15 minutos em que fala do
desporto e a favor do desporto.
Produção associada de: Fer-
nando de Sousa, Fernando de
Lacerda e Veríssimo Alves.
Brevemente novos progra-
mas e novas rubricas. Para
a sua publicidade consulte

Organizações Progresso

Av. de Roma, 207, 3.º-Esq.º
LISBOA

Explicações

Todas as Disciplinas do 1.º e 2.º
ano do Curso Geral do Comércio

Dactilografia

Traduções e Retroversões:
Francês e Inglês, Técnico - Comerciais
R. Tenente Valadim, 14 - MONTIJO

MONTIJO

Concelhos Ribeirinhos

da margem sul do Tejo

I I

Com outro revestimento vegetal, o território arrábido veio adquirindo nova *facies*, que lhe modificou os aspectos do seu velho manto. Contudo, ainda que pudéssemos recuar cinco séculos, não nos seria talvez possível a prefiguração dos aspectos paisagísticos actuais de toda a península.

E' um deslumbramento que nos força a pedir se nos releve a transcrição de uma página daquele capítulo encantador, em que Oliveira Martins, na sua «*História de Portugal*», trata da «terra e o homem», revelando-nos a indiossincrasia das populações regionais, pela localização paisagística do *habitat* de cada uma delas.

E' que vem a propósito, e nos enche de orgulho, o conteúdo dessa página, saída do cálamo luminoso do grande escritor. Ouçamo-lo: «Entre as duas regiões litorais extremas (do nosso País) está porém a central, a vingar-nos da miséria de uma e da opulência da outra.

Quem desce de Canha e Alcácer do Sal até Setúbal na península de entre Tejo e Sado, e domina, desde o promontório da Arrábida, a paisagem circundante, respira afinal a longos tragos uma plena vida e uma doce alegria. Acaso não há no reino panorama nem mais belo, nem maior, nem mais nobre, nem mais variado. A nossos pés descem as anfractuosidades da serra vestidas de espessas matas: as giestas douradas, as bagas carmineas dos medronhos, o rosmaninho, a alfazema, misturando todos os seus aromas inebriantes. Sobranceiros a Palmela, vemos os muros ameitados; Setúbal desenha-se no vale encastado num jardim de laranjais; no fundo quebram-se as ondas contra as rochas do Cabo; e para o lado oposto as colinas da fidalga Azeitão ondulam por sobre o espesso tapete de pinhais estendido até o Tejo. Erguendo a vista, divisamos além do mar a

ponta de S. Vicente e o sul; para leste, Évora dum lado, as campinas do Ribatejo do outro; para norte, Lisboa em anfiteatro sobre a sua baía; além dela, Sintra e os montes da Estremadura cista-

P O R

João Luís da Cruz

gana, aqual, até ao Mondego, forma a primeira zona estrementeira.

E' no solo deste miradouro deslumbrante, que vamos, como simples apontamento, referir-nos aos três velhos municípios — Alhos Vedros, Aldeia-Galega e Alcochete — que, sob a jurisdição da Ordem de Santiago, donatária de Palmela, se instituíram nos «termos novos e velhos» desta vila.

Antes, porém, cumpre dizer algumas palavras sobre a razão porque os referidos municípios se consideravam integrados na região ribatejana.

* * *

Ninguém ignora que a última divisão administrativa do nosso País alterou o número e a nomenclatura das províncias.

Uma das maiores — a da Estremadura — permitiu o seu desdobraimento, criando-se à sua custa a do Ribatejo, da qual se excluíram algumas povoações que, do ponto de vista regional, foram sempre consideradas ribatejanas, principalmente na antiga documentação tabelioa. Estavam neste caso Alcochete, Aldeia-Galega do Ribatejo (actual Montijo); a Moita, também dita do Ribatejo, ainda que desacompanhada deste complemento no quadro toponímico dos concelhos que fazem parte, actualmente, do moderno distrito de Setúbal; e bem assim Alhos Vedros, que, desde os primórdios da Nacionalidade, se dizia outrossim ribatejana, e, implicitamente, os lugares que, embora então sujeitos a Palmela, vieram a estar todos reunidos na sua Matriz e no seu grémio municipal.

Não há que discutir agora a legitimidade do enquadramento primitivo de todas estas terras na velha região do Ribatejo — questão assaz debatida, quando da elaboração do projecto do novo Código Administrativo. Convocaram-se então pessoas competentes, a quem se cometeu o estudo dos limites de todo o Ribatejo, pela incerteza e confusão que infundia no espírito de alguns dos nossos modernos geógrafos o considerar-se também Riba Tejo uma grande parte da península de Setúbal.

E' possível que os nossos antigos pouco se prendessem com o rigor das suas classificações corográficas, posto que os velhos geógrafos, inteligentemente, jamais as desprezassem. Os antigos viam a identidade dos terrenos pliocénicos, de área muito extensa, e consideravam, objectivamente, quase isolados de Lisboa por necessidade de mais transportes, que as povoações ribeirinhas da margem sul eram o prolongamento natural do Ribatejo, que lhes batia às portas por terra e se continuava pela borda d'água até ao recorte da baía de Lisboa.

As próprias condições geoclimáticas das mesmas povoações, comparadas, por exemplo, com as de Samora Correia, Benavente e outros povoados ribeirinhos, se lhes pintariam um tanto semelhantes — elas eram, afinal, terras como as da zona de que nos ocupamos, de ourela aluviónica e, em parte, inundáveis — e, assim, lhes pareceriam terras do Ribatejo, porque ainda as batejava o hálito da Lezíria. (Não é impunemente, diga-se entre parêntesis, que a Alcochete, Aldeia-Galega e a Moita tudo sacrificaram, antes do «futebol», ao ruidoso e colorido espectáculo da *Festa Brava*).

Mas, íamos a dizer que, até por intuição filológica, o antigo *ribatejano* da Outra Banda poderia — sabe-se lá... — ter reparado na sinonímia entre *riba* e *margem*. Ora, entre a denominação regional de *Ribatejo*, que tudo nos diz e a de *Margem do Tejo*, tão vaga e inexpressiva, não havia, nem há que escolher. Aquela supera não só eufónicamente esta, mas também pelo que ela representa de economia na expressão linguística, oral e escrita. *Ribatejo* é uma denominação arcaica, medieval, com fundas raízes na tradição popular e usada em antigos diplomas régios e na documentação enfiética da mesa mestral da Ordem militar de Santiago.

(Continua)

Foi remodelada

a Comissão das Festas
de S. Pedro

A seu pedido, e por motivo dos seus afazeres profissionais, deixou de fazer parte da Comissão das Festas o sr. Francisco Franco de Almeida, que, contudo, ficará prestando às Festas toda a colaboração que lhe seja possível.

Foram convidados dois novos elementos, os srs. *Amândio José Correia de Carvalho* e *António Pereira Ribeiro*, que aceitaram os respectivos cargos, e que ficam assim fazendo parte da Comissão que levará a efeito as Festas de S. Pedro em 1957.

Os acontecimentos da Hungria

Por todo o mundo civilizado vai um movimento de repulsa pelo que ali se tem passado nos últimos dias e, simultaneamente, outro movimento de simpatia e de socorro para com as vítimas das tragédias.

Em Portugal, já se manifestaram a capital e outras cidades, e também por toda a parte se procede à recolha de donativos, roupas, medicamentos, etc., que, por intermédio da Cruz Vermelha e instituições similares, para ali serão enviados.

Ninguém de coração bem intencionado pode ficar indiferente à tragédia húngara e, a ser verdade quanto as empresas jornalísticas nos transmitem, nunca em tempo algum se praticaram atrocidades tão revoltantes em ocasiões idênticas.

E' justo, pois, esse movimento de repulsa e é de esperar também que a nossa terra não deixe de corresponder aos apelos oficiais, que já se fizeram, a favor das vítimas, principalmente das crianças, que nenhuma culpa têm dos desvairamentos dos homens.

«A Província», semanário de humanidade e em prol dos sentimentos humanos, junta a sua voz humilde e modesta ao coro de reprovações e põe, como sempre que se trata de causas justas, as suas columnas ao dispor de todas e quaisquer iniciativas para os fins em vista.

Concurso Hora Feliz

O relógio do Concurso da Hora Feliz, da Relojoaria e Ourivesaria Contramestre, Praça 1.º de Maio — Montijo, parou em 8 do corrente nas

17 horas e 22 minutos.

Foi contemplado com a aproximação o sr. Manuel José Rolo — Calçada — Montijo, que tinha 17 horas e 16 minutos.

Há quem diga que a sorte é boa ou má. Sabe-se lá. Só habilitando-se no Concurso é que verá os seus desejos realizados e receberá o prémio de 250\$00, atribuídos por esse

CONCURSO HORA FELIZ!

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

(Continuação da primeira página)

Concedida a palavra à illustre conferente, começou esta por dirigir cumprimentos ao sr. Governador Civil, a quem agradeceu as elogiosas palavras que lhe dedicou, às entidades presentes e ao numeroso auditório, tendo também palavras de homenagem para os Directores da Liga de Profilaxia, pela acção notável que têm desenvolvido à frente desta prestigiosa instituição.

Entrando no assunto da sua conferência, a sr.^a D. Maria Lúcia da Silva Rosa historiou a infância de Helen Keller que, contando hoje 75 anos, nasceu uma criança normal. Aos 19 meses foi atingida por uma meningite que a deixou completamente cega e surda. Os pais não se conformaram com a situação de sua filha, mas sentiam-se impotentes para a modificar porque os médicos diziam que nada havia a fazer.

Assim, até aos 6 anos Helen viveu como um animal selvagem, completamente dentro de si própria.

Foi então que surgiu uma professora — Mary Sullivan — que, aplicando os seus enormes conhecimentos de psicologia e pedagogia e obrando prodígios de paciência e perseverança, conseguiu, após longos anos de trabalho, dar-lhe uma noção do mundo que a rodeava, libertando-a, assim, da ignorância e do isolamento. E Helen Keller jamais saciou a sua ânsia de saber: aprendeu várias línguas, formou-se em diversos cursos universitários e iniciou uma infatigável carreira de professora, escritora e conferencista.

Aludiu, depois, à sua recente passagem por Lisboa, onde permaneceu apenas uma semana, dizendo que Helen Keller visitara a cidade, os seus monumentos, bairros característicos e miradouros. Entrou também em contacto com médicos, jornalistas e gente do povo.

A nossa illustre visitante não era — acentuou — uma pessoa isolada: ela manifestou um perfeito conhecimento de todas as realidades do nosso tempo. Corajosa e bondosíssima, trabalha constantemente pelo bem dos cegos e dos surdo-mudos. Quando da sua estadia em Lisboa, declarou: «sinto-me triste e chocada por saber que se tem feito tão pouco em Portugal em favor dos cegos. O povo português precisa de compreender que, se os cegos forem educados convenientemente, podem ser felizes, independentes e fazer muitos trabalhos úteis».

O exemplo, a presença e as palavras de Helen Keller — continuou a conferencista — constituem uma mensagem para todos os portugueses: há que despertar o interesse pela recuperação dos cegos, dos surdo-mudos, e também dos paralíticos, dos aleijados e amputados, dos débeis e dos doentes mentais, numa

palavra: de todos os deficientes.

A lição de Helen Keller é assombrosa mas não única. Em todo o Mundo há deficientes que se tornam célebres pelas suas actividades. A incapacidade sensorial ou física — disse a sr. D. Maria Lúcia da Silva Rosa — é relativa e não obriga à invalidez. As técnicas médicas, psicoterapêuticas, pedagógicas e sociais, têm feito tão grandes progressos que, se as utilizarmos com eficiência, as desvantagens dessas insuficiências serão muito diminuídas e a reabilitação, mesmo parcial, constitui um triunfo maravilhoso.

Todos os técnicos estão de acordo em que a reeducação deve ser o mais precoce possível, tanto no que respeita à idade do indivíduo, como no que respeita à idade da deficiência ou tempo de duração da incapacidade.

As famílias, e sobretudo as mães, são chamadas a desempenhar um papel muito importante na recuperação das crianças deficientes.

Afirmou, a propósito, que todos devemos interessar-nos pela criação de clínicas, escolas e oficinas para deficientes e de um Estatuto do Trabalhador Deficiente, que o proteja no seu direito ao trabalho e que o ampare na velhice, doença e invalidez.

Todos devemos interessar-nos por este problema e substituir a piedade inerte e lamentosa por um interesse activo, esclarecido, impregnado de amor e compreensão. Então saberemos que os recursos dos deficientes são extraordinários. Dir-se-á que a natureza compensa com possibilidades inéditas, prodigiosas, aqueles que diminuiu de qualquer maneira.

Declarou que se assiste hoje em todo o Mundo a um grande movimento a favor da recuperação dos deficientes motores e informou que se criou recentemente em Lisboa a Liga Portuguesa dos Deficientes Motores, que se propõe solucionar os seus problemas psicológicos, profissionais e sociais, coordenando esforços, e colaborando com todas as pessoas interessadas no assunto. A nova instituição tem recebido incentivo de organizações congêneres espalhadas por diversos países.

Antes de terminar a sua conferência referiu-se, à necessidade de resolver a situação dos nossos deficientes, estudar os seus problemas psicológicos e sociais, cuidar do ensino escolar e preparação profissional, e de defender os seus direitos, tal como em muitos países já aconteceu, como por exemplo na Indonésia, onde o problema foi resolvido em 3 anos.

Ao encerrar a sessão o sr. Governador Civil criticou este bellissimo trabalho e, documentando-o, levou ao conhecimento da Assembleia aquilo que, em alguns capítulos, se tem feito, sobretudo no que respeita à cegueira, em que a Liga de Profilaxia tem tido um papel de relevo, bem como outras Instituições de prestígio desta Cidade, aproveitando a ocasião para fazer uma citação especial ao sr. Prof. J. Albuquerque e Castro, que se encontrava na mesa de honra, louvando-o pelo seu incansável labor em prol dos cegos portugueses.

No final a conferente, a quem foi oferecido um lindo ramo de cravos, foi muito cumprimentada e felizada.

Ninhos de aves, ninhos de crianças

Li no jornal «A Província» uma pequena crónica, mas de conceitos algo interessantes. E não resisto à transcrição do período inicial: «Nas escolas primárias alemãs há conjuntos de crianças cuja missão é proteger os ninhos».

Muito bem o que os educadores germânicos levam a cabo, a fim de as crianças ganharem entusiasmo pelas práticas do bem; e excelente ideia da imprensa da província, quanto intenta auxiliar o professorado em prol de novos rumos pedagógicos.

Mas, além da educação na escola primária, deve-se ter em vista difundir progressivamente por todos as escolas jardins, segundo o modelo das escolas jardins «João de Deus», cujo móbil, pleno de ideal, poderá operar uma transformação maravilhosa nas futuras gerações de Portugal. Que surjam bons ninhos de crianças!

Como me ocorrem neste momento algumas conversas interessantes que tive sobre a matéria com o saudoso dr. João de Deus Ramos, o entusiasta fundador dos primeiros jardins escolas na terra lusitana!

Na escola infantil, praticando determinado método de ginástica, vários jogos próprios da infância e desenhando as coisas que a tenra sensibilidade observa, cada criança fortalecerá melhor os seus nervos e a sua bondade natural.

Se a par de tal sistema de educação, a escola infantil formar agregados de alunos para a missão de proteger os ninhos de aves, tanto melhor.

Porque é a escola infantil que mais tempo sobra para o destinar à obra de educação, visto que a escola primária muito do tempo

escolar o terá de dedicar ao ensino de ler, escrever e ainda aos rudimentos de matérias várias, como aritmética etc.

Povoações importantes, próximas de grandes cidades, merecem que se lhes dêem escolas importantes onde as crianças captam aquilo que de melhor influencia na formação do seu carácter.

Sem uma educação modelar, jamais as escolas alemãs teriam dado ao seu país milhões de operários perseverantes, cheios de entusiasmo nas experiências mais difíceis, e que são elementos positivos nas equipas de elite nas grandes fábricas.

Sim, apenas com boa educação o ensino profissional se torna útil ao social.

Oxalá que em Montijo, em Alcochete e nas bandas de Rio Frio, se instituassem dentro de um lustre, Jardins Escolas João de Deus.

Se tal acontecer, os educadores hão-de ver com aprazimento as novas gerações, duma área a dois passos de Lisboa, dotadas de carácter brioso, mais dados ao espírito da conciliação, mais atentos à disciplina social, — que exige alguma limitação à vontade de cada indivíduo, a fim de a vida colectiva de milhões de indivíduos ficar liberta de determinadas insuficiências e mais assente no Direito. Porem, todos devem crer, o ponto de partida para uma nova educação está na escola infantil, sobretudo nos meios operários e comerciais.

A degenerescência é grave, está à vista dos pedagogos e dos leigos. Mas se os pais de hoje desejarem ser honestos, a moral dos seus filhos há-de ser melhor amanhã.

Mário Caldeira

LIVROS

Retalhos da vida de um sacerdote

O Padre Gomes Pólvora

Pelo Professor José Manuel Landeiro

Num intento, absolutamente louvável, o prof. José Manuel Landeiro escreveu e editou este livro para homenagear a memória do sacerdote que, durante mais de 30 anos, soube viver e conviver em Montijo da forma superior que jamais esqueceu.

E nesse intento, depois de prefaciar o seu trabalho com os depoimentos do padre José Maia dos Santos, de Carlos Hidalgo Gomes Loureiro, e do jornal «A Caridade», historia-nos a vida exemplar do padre Gomes Pólvora, desde a sua chegada a Montijo até a sua morte e o seu testamento.

É evidente que o autor não quis, nem pretendeu, escrever uma obra de cunho acentuadamente literário, nem o assunto se prestava para tal fim.

Temos, pois, que a observar apenas como obra de concatenação, de investigação, de reportagem selecta, em que se anotam as notáveis facetas do homenageado e os factos mais interessantes da sua excelsa biografia.

E é-nos muito grato afirmar que o conseguiu *in posterum*, certos de que, por este meio, immortalizou o nome do sacerdote que, — espírito primoroso e tolerante —, na vida deixou um exemplo difícil de igualar.

O próprio autor o demonstra através das 160 páginas do seu livro, quando nos descreve esse exemplo desde a parte religiosa até a social.

E não sabemos que mais admirar em toda essa descrição, se ao relatar-nos a sua perseverante fé e a sua prodigiosa dedicação nos assuntos relativos ao sacer-

dócio, se ao mostrar-nos a obra eminentemente meritória que o padre Gomes Pólvora realizou no «mundo exterior».

De tudo ressalta aquela tolerância que o tornou querido e estimado entre toda a população montijense, não distinguindo nunca «os gregos e troianos» e trazendo sempre nos lábios e no pensamento a máxima: *Sol lucet omnibus*, — tão pouco compreendida e tão pouco seguida neste momento «das muitas e desvairadas gentes».

O livro do prof. José Manuel Landeiro tem, além do mais, o valor incontestável de apontar esse exemplo e de o tornar bem conhecido dos contemporâneos e dos vindouros.

Eis por que o felicitamos acima de tudo.

O Homem passou. A sua obra, porém, perpetua-se pela grandeza das intenções, pela magnificência das realidades, pela sublime lição que resulta.

E este livro, despretenhoso de elevações literárias, serve estes princípios e ajuda aquela perpetuidade.

Como aspecto gráfico impõe-se também.

Impresso em bom papel, copiosamente ilustrado, cuidadosamente dirigido, completa a apresentação.

— Depositário: — Carvalho & C.^a, Lda., rua Cândido dos Reis — 34 — Montijo — Telef. 026324.

M. S.

Telefone 026 576

Daru boas (Fotografias)

Foto Montijense

POR TERRAS GALEGAS

A todos os meus companheiros de viagem

São oito e tal da manhã. As trovoadas desfazem-se lentamente e o dia surge macambúzio, com os longes ameaçadores de próximas chuvas. O ar pica nas faces e faz lembrar as manhãs friorentas de Dezembro. O verão continua com suas pirraças.

Saímos de Pontevedra tão cedo que nem houve tempo de tomar o pequeno almoço. Voltam os farnéis de casa, quase exauridos, a conchegar os estômagos mais exigentes. Nem se vislumbra onde o possamos tomar...

De Pontevedra a Toja são 32 quilómetros. A estrada é linda, sempre com panoramas marítimos à esquerda, pequenas praias, pequenas enseadas, armações de pesca aqui e ali, torneando os recortes e as sinuosidades da costa.

Passamos a Lanzada, — a mais formosa praia da Galiza, aberta para o Atlântico, em cuja capela se celebra a famosa romaria nocturna do banho das «nove ondas».

Luis Rodriguez Seoane refere-se-lhe no seu poema «Marinheiro da Lanzada»:

Xa xunto ao meu lar non miro a ninguém por quén chamar: ti serás o meu retiro, mar por quén triste sospiro, mar da Lanzada, — Meu mar!

Atravessamos Grove, — paróquias de S. Martinho e de S. Vicente —, com sua ponte para a ilha arenosa de Toja (ou Louxo). A ponte é interessante e pitoresca. Debruçada sobre a ria de Arosa, proporciona aspectos inéditos, curiosos pormenores da faina piscatória. Até nos admirámos como não houve que pagar cinco ou dez pesetas pela passagem...

Chegámos, finalmente, à célebre ilha.

A história de La Toja é, de certo modo, engraçada, ainda que lendária. Diz que para ali eram levados, nos tempos doutroira, os animais atacados de doenças de pele e ali os deixavam para morrer. Aconteceu que um camponês qualquer lá foi deixar um cavalicoque condenado. Tempos depois, voltou para deixar outro animal nas mesmas circunstâncias. Qual não foi o seu espanto ao ver que o primeiro se encontrava completamente curado! Desde então as gentes vizinhas seguiram esse exemplo e veio a descobrir-se que os lodos eram medicinais, curavam os males de pele e até o reumatismo!

Mais tarde, uma sociedade bem orientada transformou a ilha deserta e mal relacionada numa grande estação balnearia. Analisadas as águas e os lodos, chegou-se à conclusão de que são «termiais, cloretadas, sódicas, ferruginosas, e arsenicais», pelo que se aconselham para o raquitismo, escrofuloso, e para o fortalecimento dos organismos jovens. E assim ficou expli-

LA TOJA

VII

cado o estranho fenómeno do cavalo curado...

Observámos os bosques de pinheiros, o grande hotel, os jardins. Levaram-nos por uma estrada sem fim, para vermos o balneário. Pelo caminho a rapaziada da excursão apanha búzios, burriés, conchinhas, e ha grande galhofa. Andamos, andamos e o tal balneário não aparecia! Tudo isto em perfeito jejum...

Ao cabo e ao resto, lá fomos encontrar o famoso estabelecimento. Para o visitar, porém, exigiam vinte ou mais pesetas! Achámos uma exploração e ninguém quis entrar. Em Portugal ninguém paga para ver seja que balneário for. E logo o senhor funcionário que se preparava com o

masso de bilhetes para a colheita, ao ver a nossa recusa: *Que pobrecitos! Que pequenos!*

Voltámos à entrada. Novo estirão... e sempre em jejum.

Valeu-nos uma caseta onde comemos umas frutas, olhando o grande hotel de soslaio. — como quem suspirava pelo pequeno almoço que ali, decerto, estariam servindo.

Regressámos ao autocarro e partimos.

À parte o pitoresco da visita, o resto pouco interessou. Doentes, muitos doentes, estropiados, aleijados, arrastando-se para a Esperança ou para mais uma desilusão. Seguimos agora para Santiago de Compostela, onde, certamente, teremos muito mais que ver e que estudar.

(Continua)

Publicações Recebidas

— *Roteiro Profissional* — O Comércio na rua da Praça. Direcção de Jorge Piçarra — Rua D. Luís I — N.º 8 — 3.º Fascículo.

Recebemos um exemplar deste fascículo, todo dedicado àquela rua.

O artigo de abertura é bem elucidativo e bem delineado, ainda que quase todo ele comercial.

No resto, anúncios e indicações úteis.

Muito agradecido pelo que nos enviaram.

— *Notícias da Venezuela* — Boletim de Informações da Legação em Portugal.

Setembro do ano corrente. — N.º 88 — Ano VIII — Lisboa.

Continua este Boletim na sua missão de divulgar o país que representa em Portugal e os seus mais recentes acontecimentos ali sucedidos. De todo ele se conclui pelo progresso da Venezuela e pelas suas riquezas económicas.

Agradecemos a amabilidade permanente da remessa e afirmamos o nosso grande prazer com a distinção que nos conferem.

— *Boletim do Porto de Lisboa* — N.º 68 — Ano VI — Setembro de 1956.

Director: Dr. Raúl Humberto de Lima Simões.

Administração do Porto de Lisboa — Cais do Sodré — Lisboa.

O presente número deste interessante Boletim, começa pelo problema dos transportes fluviais na área do Porto de Lisboa, e vai até o movimento do mesmo Porto durante aquele mês.

No intermédio, aborda assuntos referentes aos trabalhos portuários, à legislação aplicável, à existência de mercadorias, e navios espe-

rados para o mês seguinte. Todo o texto foi redigido pelo seu Director.

Os agradecimentos de «A Província» pelo exemplar remetido.

— *Boletim Económico e Financeiro* — Ano XXVI — N.º 9 — Setembro de 1956.

Do Banco Português do Atlântico. Sede social no Porto e sede central em Lisboa.

Com os mesmos objectivos dos números anteriores, é um precioso elemento de consulta sobre assuntos comerciais e bancários.

É distribuído a todos os clientes do Banco editor.

Os nossos agradecimentos por mais este número que nos enviaram.

— *Plateia* — Revista Ilustrada de Cinema — N.º 134 — 15 de Outubro de 1956. Director: Baptista Rosa, R. Saraiva de Carvalho, 207 — Lisboa.

Insere o presente número, além de artigos sobre «estrelas» do Cinema universal, todos ilustrados, um artigo flagrante intitulado «Algumas verdades sobre o cinema português, de enorme actualidade.

Nas páginas centrais, o interessante «roteiro dos artistas», também profusamente ilustrado, e em separata a foto duma «estrela» fulgurante, como só o Cinema as sabe descobrir.

Toda a Revista, dum interesse manifesto e recomendável.

Mais uma vez, muito agradecidos pela oferta.

Este número de «A Província» foi visado pela
CENSURA

A «Imprensa Regional»

Concretizando uma ideia

Depois de alguns meses de porfiados esforços e aturadas diligências, teve a sua efectivação, no passado dia 1, na Casa do Alentejo, em Lisboa, a reunião da primeira Assembleia Geral da Associação da Imprensa Regional e Técnica, para apreciação e aprovação do projecto de Estatutos que a há-de reger.

Em ambiente de entusiástica confraternização jornalística, os da «Pequena Imprensa», essa grande família provincialiana, com o verdadeiro sentir do acto a que se ia proceder — sonhos de remotos tempos! — depois de, devidamente apreciados, aprovou por aclamação, a Lei orgânica da sua Associação. A partir desse momento — de grande solenidade para a história da Imprensa Regional — ficou instituída a Associação da Imprensa Regional e Técnica.

O sonho de muitos, de quase todos os que nela trabalham, acaba de ser concretizado.

Presidiu a esta solene assembleia o distinto jornalista-Director de «Ribamar», de Algés, sr. dr. João de Oliveira Charria, que teve a secretariá-lo: os Directores do «Jornal de Moura» e «Voz do Domingo», respectivamente, srs. José Godinho Cunha e Rev.º Padre José Galamba de Oliveira, este último de Leiria onde se publica.

Muitos foram os que vieram de todos os pontos do País e ainda outros que se fizeram representar, para assistirem a tão importante acontecimento na vida dos jornais da província.

Para já, é-nos extremamente consolador constatar a presença dos seguintes periódicos, revistas e outras publicações, naquela inesquecível jornada regionalista: «A Voz Académica», de Queluz; «Correio Evangélico», de Vila Franca de Xira; «Jornal de Sintra»; «Política da Verdade», de Viseu; «Notícias do Comércio»; «A Voz de Portugal», de Lisboa; «Boletim da Casa do Alentejo»; «Almanaque Alentejano»; «Correio da Beira»; «Os Transportes», de Lisboa; «A Torre de Moncorvo»; «Gazeta do Sul» e «A Província», de Montijo; «O Distrito de Setúbal»; «A Voz de Loulé»; «Povo Algarvio», de Tavira; «Voz do Tejo», de Almada; «Cardeal Saraiva», de Ponte de Lima; «Boletim - Antónios de Portugal»; «Notícias do Cartaxo»; «O Comércio de Viveres»; «Comércio de Portimão»; «Notícias de Évora»; «Diário do Alentejo», de Beja; «O Palhinhas»; «Ecos de Belém»; «Linhas de Elvas»; «Jornal do Barreiro»; revista «Alentejo Histórico»; «O Castanheirense», de Castanheira de Pera, e, ainda, «O Ardina», pela sua Directora, a jornalista D. Maria Luísa Resano Garcia, e a revista «Occidente», representada pela sr.ª D. Maria Amélia de Azevedo Pinto.

Devido ao adiantado da hora, ficou a eleição do Conselho de Administração, Conselho Fiscal e Mesa da Assembleia Geral, para dia a indicar pela Comissão Executiva.

A sessão terminou entre

Luis Sebastião Peres

(Continua na página 7)

Contraste... Desilusão...

Adaptação em verso Fantasia do poeta...
duma eterna anedota... ...ou realidade da Vida?!...

*Em certa noite de luar do mês de Abril,
Dois noivos recém-casados,
Na força secundante da seiva primavera,
Num doce sonho de amor,
Unidos num abraço, sorriam enlevados,
Num varandim dourado de glicínias em flor.*

*Passam nuvens no céu...
E ela pergunta-lhe num sorriso encantador:*

*«Dize-me lá, meu amor,
Porque é que escureceu
Tão de repente?»*

*E ele cicia-lhe, meigo, sedutor,
apaixonadamente:*

*«Sabes o que é minha amada
Aquela nuvem nos céus?
É a lua envergonhada
Do brilho dos olhos teus?»*

*Um ano depois
No mesmo varandim dourado:
Novamente os dois;
Mas... cada um para seu lado!*

*Por estranha coincidência,
Passam nuvens no céu também.
Escurece de repente...
E ela numa indolência,
Dengosa de larva,
Pergunta-lhe meigamente,
Ao vê-lo distraído:*

*«Dize-me lá o que tem
O céu?
Porque é que está a escurecer?»*

*E ele abruptamente
Num escarcéu:*

*«Ô filha, não sejas parva!
Pois nem sequer sabes ver?
Porque há nuvens no céu?
Pois não vês que vai chover!»*

Manuel Giraldes da Silva

DESPORTOS

Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Estoril, 0 - Montijo, 2

Equipas:

Desp. Montijo: — Redol; Valentim e Anica; Neto, Manuel Luís, e Santana; Barriga, Veredas, João Mário, Mora e Ernesto.

Estoril: — Brandão; Gato e Henrique; Cassiano, Eloi, e Mota; Ferrão, Andrade, Caracol, Melão e Batalha.

Árbitro: Pinto Coelho, de Faro.

Campo da Amoreira.

Não restam dúvidas de que o Desportivo fez no Estoril uma das melhores exhibições deste Campeonato, dominando sem contestação nas duas partes do jogo.

Embora na primeira parte não tivesse marcado tentos, por falta de certeza, por falta de remate, por falta de sorte, o que é indiscutível é que a sua técnica e o seu dinamismo lhe deram a supremacia da actuação.

Os estorilenses aferraram-se ao sistema de «contra atacar» e quase daí não saíram.

Assim mesmo, só uma vez estiveram à beira da obtenção dum golo, quando Andrade teve um «tiro» perigoso que bateu na trave e se perdeu.

Na segunda parte mudaram os sistemas e os aspectos.

O Desportivo passou à defesa e os estorilenses ao ataque.

No entanto, os jogadores montijenses organizaram de tal forma essa defesa que inutilizaram constantemente o ataque dos adversários, e a superioridade manteve-se inalterável.

A poucos minutos dessa segunda parte, com o seu lugar abandonado pelo guardião do Estoril e a ausência da vigilância dos seus «defesas», Veredas aproveitou e marcou o primeiro golo do Desportivo.

Os de Estoril reagiram ainda; mas a turma montijense

conservou-se sólidamente unida, compacta, no mesmo espírito de luta do início.

Em última análise, Redol, numa das suas grandes tardes, lá estava sempre vigilante para acudir e destruir.

Já perto do fim dessa segunda parte, João Mário, numa avançada soberba, alcançou o 2.º golo da equipa, ainda que dessa vitória lhe resultasse um precalço de que está sofrendo ao presente.

E este resultado foi o resultado final do jogo.

O Desportivo ganhou porque devia ganhar. Foi justo, justíssimo.

Não destacamos jogadores. O conjunto homogêneo foi tudo. A sua actuação só merece o nosso incondicional aplauso.

Os do Estoril também merecem o nosso respeito. Perderam porque não lhes era possível vencer.

Esforçaram-se quanto puderam, e neste procedimento está o seu elogio.

A arbitragem satisfaz por completo.

A classificação está agora com o Desportivo em 3.º lugar, com 15 pontos, estando o «Farense» em 1.º com 17 e o «Coruchense» em 2.º com 16.

E nada de desânimos.

Avante e sempre avante!

João di cá

Fotofilme

Trabalhos para amadores
Fotografias d'Arte
Aparelhas fotográficas

Reportagem Fotográfica
Rua Bulhão Pato, 11 - MONTIJO

Columbófilia

Conversando com

Adelino Jóia

do Departamento Columbófilo do

Clube de Regatas Vasco da Gama

do Rio de Janeiro

Aproveitando a estadia do senhor Adelino Jóia, em Montijo, em visita a sua família, após 15 anos de ausência, no Brasil, não resistimos à tentação de o entrevistar para nos contar algo da columbófilia brasileira, para as colunas do semanário «A Província».

Começou por historiar a sua longa actividade columbófila, que data de há 28 anos, na secção columbófila do Futebol Clube Barreirense, já extinta, quando tinha 18 anos, contribuindo notavelmente para a fundação da Sociedade Columbófila Barreirense, de que muito justamente se orgulha de ser sócio fundador, tendo-se consagrado campeão nos anos de 1939-40. Emigrando no ano seguinte para o Brasil, aí continuou a actividade columbófila nas cidades de Rio de Janeiro, Sete Lagoas, Corinto, e Belo Horizonte; residindo actualmente no Rio de Janeiro, e fazendo parte de todas as sociedades existentes nesta cidade, que são: Sociedade Columbófila Luso-Brasileira, S. B. A., e Departamento Columbófilo do Clube de Regatas Vasco da Gama.

Foi dirigente vários anos da Sociedade Columbófila Luso-Brasileira.

— Diga-nos senhor Jóia, a columbófilia brasileira, encontra-se muito evoluída?

— Sim, caminha a par com o progresso do Brasil, pois é um dos países mais progressivos do mundo.

— Pelo que tenho lido, as vossas perdas nos concursos são numerosas, a que motivo atribuem? Como pessoa autorizada, agradecia que nos informasse?

— Com todo o gosto, meu amigo. — A diferença de clima de uns estados para os outros, a deficiência de treino, contribuem notavelmente para esses desastres. Exemplificando, direi: Enquanto em Portugal, para uma prova de 280 km., as vossas aves são encestadas 6 vezes, nós vamos a Montes Claros, que ronda os 750 km., com os mesmos encestamentos, daí a quebra de rendimento, pois a preparação é insuficiente. Demais, as zonas sobrevoadas são montanhosas nuns estados e tórridas noutros, como no Rio de Janeiro, cuja temperatura normal oscila nos 30º, após um esforço tremendo, o desgaste do calor. Daí a razão de tantas perdas.

(Continua)

Eduardo Baeta

DR. EDUARDO PERDIGÃO

Clinica Geral - Operações

Consultório e Residência:

R. José Joaquim Marques, 28

Telef. 026473

Luciano Mocho

Concurso de Prognósticos de Futebol

Cupão N.º 7

Acertaram em 11 resultados 5 concorrentes

Os Srs.: Rui Brízida Sobrinho, R. F. pátio, n.º 23; Américo José da Silva, R. Joaquim d'Almeida, 21; Carlos Alberto de Gregório, Praça da República, 58; Ernesto da Conceição Glória, Praceta José Joaquim Marques, r/c. Esq. Delmiro Júlio Correia Rodrigues, R. Joaquim d'Almeida, 247 todos de Montijo.

Todos os premiados deverão levantar nesta Redacção as senhas que os habilitam aos respectivos prémios.

Por lamentável lapso os jogos da 2.ª Divisão saíram iguais nos cupões n.ºs 8 e 9.

Assim prevenimos os nossos leitores, que não perderão a validade, sendo por isso todos os cupões validados, com os prémios atribuídos aos dois cupões, mas o apuramento far-se-á só depois de conhecidos os resultados dos jogos a realizar no próximo domingo, 18. Portanto, os resultados da 2.ª Divisão servem para os dois cupões (n.ºs 8 e 9).

Prémios para o cupão n.º 10

Aos que acertem em todos os resultados

1.500\$00

em compras em estabelecimento à escolha do contemplado

Ao que acerte em maior número de resultados, Lanternas eléctricas de algibeira (sem lâmpada e sem pilha), mais uma oferta da SETEL, a maior casa em artigos eléctricos no Montijo.

CORTE POR AQUI

CUPAO N.º 10

Concurso Prognósticos de Futebol de «A Província»

1.ª Divisão		2.ª Divisão (Zona Sul)	
Torreense	Académica	Coruchense	Arroios
Barreirense	Benfica	Juventude	Almada
Setúbal	Sporting	Olivais	Farense
Oriental	Covilhã	Montemor	Estoril
Atlético	Porto	Olhanense	Montijo
Belenenses	Cuf	Portalegre	«Os Leões»
Lusitano	Caldas	Portimone.	Beja

Nome

Morada

Localidade

«A Província»

Cupão N.º 10

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo 25

Basquetebol

Montijo 44 - V. de Setúbal, 49

Para o Campeonato Regional defrontaram-se no Montijo no passado domingo, dia 11, as equipas acima, que sob a arbitragem do Sr. João Máximo alinharam:

MONTIJO: (8 lances livres tentados e nenhum transformado) (22 cestas).

Teodemiro (6), Adriano (4), Heitor (8), Pinto (4), Acácio, Luciano (2), Barreiras (14), Elisário (4) e Rogério (2).

VITÓRIA: (23 cestas e 3 lances livres transformados em 10 tentados) Machado (6), Santana (3), Marcelino, Faria (29), Ramos (4) e Farinha (7).

Ao intervalo 26-22 a favor do Vitória.

A equipa do C. D. M. teima em não acertar com o melhor caminho.

Esta derrota frente ao Vitória não estava nas nossas previsões, confessamo-lo, e vem alterar em muito a nossa opinião sobre a época.

Com a inclusão dos jogadores juniores do ano passado, estávamos nós absolutamente convencidos de que melhora sensível se iria verificar. Tal porém não tem sucedido. Depois de um jogo prometedor com o Naval, a equipa já foi vencida por 4 vezes. Claro que

se as derrotas consentidas ao Barreirense, Luso e Seixal, (no Seixal) têm motivo justificado, esta do Vitória só se justifica pela maneira na verdade péssima como a equipa tem actuado.

Não sabemos se a culpa será dos «novos». Simplesmente alguns desses têm falhado. Também não perguntamos causas ou motivos. Concordamos, todavia, que haja abaixamento de forma de uns e deficiente preparação de outros.

Tão pouco formulamos propósitos de apontar se a equipa tem sido bem ou mal orientada, por que isso, além de ir contra os nossos princípios, é assunto a que só aos dirigentes e treinador diz respeito.

Posto isto, resta-nos dizer que um jogo que se antevia fácil para o Montijo foi de tal forma difícil que acabou por se transformar na derrota amarga.

Mas, nesta onda de pouca sorte, a nossa vontade continua igual à de sempre e os nossos desejos os mesmos: Esperemos por melhores dias. Já diz o velho ditado «depois da tempestade vem a bonança».

Da arbitragem do Sr. João Máximo, excelente, será o que podemos dizer, tão raro temos agora empregado esta palavra.

Luciano Mocho

O EQUILÍBRIO

Problema geral da condução

A condução de uma máquina motorizada, com duas rodas, é a técnica que permite guiar o andamento desta em função das leis que regem o equilíbrio e em função das próprias possibilidades da máquina sobre a estrada. Convém, no entanto, destacar que desde o momento em que a máquina está em movimento, o equilíbrio é dinâmico e não estático, quer dizer que, além do peso e da força de contacto, há que ter em conta a força da inércia e toda a classe de resistências ao avanço (resistência do ar, resistência da rotação, etc.). Destacamos, igualmente, que os factores activos deste problema podem ser classificados em dois grupos: um, os elementos que devemos suportar (impostos pela máquina e pela estrada) tais como o equilíbrio, a aderência, o pavimento, as condições atmosféricas, etc.; outro, os comandos de que nos servimos para conduzir: direcção, acelerador, equilíbrio da máquina, travões, e não falamos da caixa de velocidades e da embraiagem, não porque estes dispositivos não sejam comandos, mas porque as necessidades impostas pelo motor e pela técnica moderna começam a desembrasar-nos deles.

Equilíbrio das «duas rodas»



A mecânica ensina-nos que um corpo está em equilíbrio quando as forças que lhe são aplicadas se anulam entre si. Estas forças podem ser catalogadas da seguinte forma:

Forças estáticas: o peso da máquina e do seu equipamento; a resistência do solo, que no caso da máquina estar parada é igual ao peso, que faz com que a máquina fique sobre o solo sem passar através dele.

Forças dinâmicas: a força da inércia que é uma espécie de resistência; a aceleração (que tende a deixar-nos parados quando a máquina arranca); a desaceleração (que tende a fazer-nos passar por cima do guiador quando travamos); a força centrífuga, que tende, nas viragens, a arrastar-nos para o exterior da curva; forças diversas, resistência ao avanço, devidas à deslocação do ar, etc.; força motriz, devida ao motor; e força de travagem, devida ao travão.

Aplicação

Estudemos agora os diferentes casos de condução nos quais o equilíbrio da máquina vai ser condicionado pelo equilíbrio destas forças:

a) — Parada — Não há que ter em

conta mais que o peso da máquina em relação ao solo. Estas duas forças anulam-se e a máquina fica imóvel.

b) — Em marcha e a velocidade constante — Além destas forças encontra-se a resistência ao avanço que tende a travar os veículos; para que estes conservem o seu equilíbrio e a sua velocidade há que opor às resistências uma força igual: a força motriz. Se esta é inferior àquela, o veículo pára; se é superior há aceleração. Este é o caso da condução.

POR

L. Morel

c) — Em marcha e em aceleração — Além destas forças existe a inércia, que se opõe à variação de velocidade. Para vencê-la faz falta uma força motriz superior.

Pelo contrário:

d) — Em marcha e em desaceleração — Há que criar uma força suplementar igual e oposta à força da inércia que tende a conservar a velocidade: é a força do travão. Esta é provocada pelo atrito dos ferodos na polia e da mesma natureza que as resistências ao avanço já citadas, só que esta é voluntária.

e) — Em marcha a velocidade constante e em viragem — Encontram-se as mesmas forças que nos casos anteriores, porém, em caso de viragem criada-se uma força natural que se opõe a esta. Esta classe de resistência ao mudar de

de direcção opera sob a forma de uma força que tende a fazer sair o veículo pelo exterior da curva: esta é a força centrífuga. A sua acção pode ser combatida criando antecipadamente uma força que force o veículo a entrar pelo interior da curva. Tal força obtém-se com a inclinação da estrada (relevé) ou com a inclinação da máquina feita pelo piloto.

Praticamente, a inclinação a escolher é proporcional à velocidade e convirá sempre completar a inclinação de uma viragem levantado (cujo ângulo não é teoricamente válido mais que para uma certa velocidade) com a inclinação da máquina, regulada automática e instintivamente pelo piloto.

(Conclui no próximo número)

Não ultrapasse pela direita

E' proibido (multa e possível apreensão de carta) e é perigoso.

O TROFÉU "BRIO DESPORTIVO"

mercê da sua grandeza, tem causado enorme sucesso.

Fernando Espirito Santo

Como encontrar Espirito Santo na sede do 100 à Hora.

Começamos a entrevista por inquirir se havia visto o troféu «Brio Desportivo» e que nos tinha a dizer sobre ele.

— Muito bom, digno do MOTO Jornal.

— Qual é a sua opinião quanto à forma como deve ser atribuído?

— Entendo que deveria ser a equipa de reportagem de MOTO Jornal a atribuí-lo, por averiguação directa de provas de desportivismo dadas pelos concorrentes.

Um tanto à queima roupa disparámos a pergunta:

— Agradecer-lhe-ia a ideia de ser um dos indigitados?

— Absolutamente. Todos nós gostamos de conquistar um troféu, desde que seja justo merecê-lo.

Agora a pergunta culminante: — Porque alinhou com uma máquina de tão baixa cilindrada ao lado das 250 c. c.?

— Por dois motivos, embora sabendo de antemão não ter quaisquer possibilidades: 1.º, porque faltava um concorrente para formar a categoria e 2.º, porque me não cabia a ideia de ter sido motociclista toda a vida e não alinhar também com uma moto fosse qual fosse.

Para nós, que nos orgulhamos de dirigir o único jornal da especialidade que existe em Portugal, era importante a pergunta:

— Dê-nos a opinião sincera sobre MOTO Jornal.

Espirito Santo não se fez rogado. — MOTO Jornal é uma publicação sóbria, embora bem apresentada, bem redigida, com a grande vantagem de ter surgido com honestidade, o que é provado por não ter sido cobrado adiantadamente o valor das assinaturas, apesar das dificuldades que sempre existem em publicações semelhantes.

A entrevista estava terminada.

EXPOSTO ao público, pela primeira vez, na sede do Clube dos 100 à Hora, no dia do sorteio do Rali Emancipação, desde logo despertou grande curiosidade no meio desportivo o troféu que MOTO Jornal ofereceu para galardoar o concorrente que maior brio desportivo evidenciou no I Circuito Motociclista de



Lisboa, disputado em Monsanto.

Embora no n.º 3 de MOTO Jornal, antes da realização do Circuito, tivéssemos anunciado a oferta do troféu, só agora os organizadores das corridas de Monsanto tiveram ensejo de se aperceber do seu valor, que largamente ultrapassou as previsões que haviam feito. Basta dizer-se que é um dos maiores até agora disputados em provas motociclistas. MOTO Jornal, porém, está bem dentro das realidades e sabe marcar a posição de nitida vanguarda em que se colocou, ao tomar as responsabilidades que lhe advêm de ser a única publicação do País dedicada às duas rodas motorizadas. E se nem todos souberam ainda compreender essa posição, sabemos que o público está conosco. Não o iludiremos na sua expectativa porque este jornal foi criado para ele e é com ele, em primeiro lugar, que desde sempre contou.

No dize tu, direi eu dos bati-

(Continua na página 7)

José António Cruz

José António Cruz não carece de apresentação, é um jovem cheio de qualidades que nos habituámos já a ver presente em quase todas as manifestações desportivas.

Encontramo-lo também nos 100 à Hora e quisemos igualmente ouvi-lo para o nosso jornal. A pergunta se havia visto o troféu «Brio Desportivo» e que tinha a dizer do seu valor, respondeu-nos:

— É verdadeiramente original e deveria haver entidades que compreendessem o espírito que presidiu à sua oferta.

— Como entende que deva ser atribuído?

— Acho difícil a votação sugerida. Deveria haver um júri para a sua atribuição, composto pelos comissários desportivos e por um representante do MOTO Jornal.

No caso de empate ou de se apurar que mais do que dois concorrentes o mereciam, o troféu deveria ser posto novamente em disputa pelos galardoados.

A pergunta sacramental surge: — Agradar-lhe-ia a ideia de ser um dos indigitados?

— Agrade sempre porque o troféu tem grande valor, não só real como por pretender premiar o espírito desportivo.

— Porque alinhou com uma máquina sem modificações, sabendo que as outras iguais à sua não estavam normais?

— Alinhei porque gosto das provas de moto e possuía uma que podia andar qualquer coisa, embora soubesse que não ia ganhar. Sempre

ambicionei participar no Circuito de Monsanto e embora fosse do meu conhecimento que as outras máquinas iguais à minha andavam muito mais, ao ponto de perder três segundos em 500 metros — e o circuito era de 2.750 metros cada volta e quinze o número de voltas da corrida —, não quis perder esta oportunidade.

Quisemos também ouvir a autori-

A sensacional máquina espanhola

Sanglas - Montanha

TRATA-SE de uma máquina especialmente criada para os «seis dias internacionais», que se realizam em Garmisch Partenkisschen e é uma das mais importantes competições motociclistas de regularidade que se realizam no Mundo.

Este ano a prova foi organizada pelo Moto Clube de Munique por ter sido um corredor alemão o vencedor da competição anterior. Participaram este ano 320 ases do motociclismo representando mais de 20 países (Portugal não foi representado) e 25 marcas.

A esgotante competição, um percurso de 2.160 quilómetros — 360 por dia — disputou-se de 17 a 22 de Setembro e revelou-se a mais difícil e demolidora a que podem ser submetidos um piloto e a sua máquina. Com efeito, o famoso circuito montanhoso de Garmisch Partenkisschen é reconhecido como a mais implacável prova de moto-cross. Os corredores, num panorama alpino de impressionante grandiosidade, devem trepar por caminhos pedregosos de mais de 30% de inclinação até alturas da ordem dos 2.000 metros, manter a sua máquina sobre a neve que cobre o cimo das montanhas, descer por abruptos declives cortados a pico, vencer terrenos pantanosos, atravessar charcos de água e, de uma maneira geral, superar os mais adversos e imprevisíveis obstáculos naturais.

Foi com os olhos postos em tão difícil competição que foi criada a Sanglas-Montanha pelos técnicos do País vizinho, nas cilindradas de 350 e 500 c. c.. Se bem que os protótipos construídos sejam de estudo e tenham carácter experimental, pensa-se nas possibilidades da fabricação e venda comercial a organismos cujos membros tenham que manobrar através e por caminhos montanhosos e bem assim aos desportistas entusiastas do moto-cross.

Concebida para poder adaptar-se a qualquer terreno, a Sanglas-Montanha é essencialmente uma versão modificada da nova Sanglas 1956, conservando desta última as bases e características técnicas.

Dois ideias fundamentais parecem haver guiado os seus realizadores — maior leveza e total protecção das partes vitais — ao efectuar as modificações que resumidamente passamos a enumerar:

a) A diminuição de peso foi conseguida pela supressão de elementos de ornamentação, a adopção de jantes de alumínio de tubo duplo prensado, o farol e outros acessórios de menores dimensões e a substituição da clássica caixa de ferramenta por um engenhoso alojamento, muito à mão do condutor, debaixo do selim corrido que permite várias posições.

b) Todas as partes vitais estão convenientemente protegidas. O carter e o motor propriamente dito são protegidos por uma grossa couraça metálica. O tubo de escape e o seu eficaz silencioso foram elevados ao nível superior ao eixo das rodas. Os estribos, bastante reforçados, vão firmemente unidas ao quadro por tirantes metálicos. A corrente secundária funciona, lubrificada, dentro de uma caixa. O guiador especial foi reforçado com uma barra paralela.

c) No que respeita ao motor e à caixa de velocidades, as reduções foram estudadas para permitir subidas até 42%, com uma «primeira» ou uma «segunda» super-especiais, sendo os de uso mais frequente em empinadas escaladas ou para atravessar campos lavrados.

R. M. E. Q.

(No próximo número daremos a conclusão e publicaremos as características e uma fotografia da moto).



O 21.º Aniversário dos 100 à hora

Rali Emancipação

Em Santarém reuniram-se num alegre almoço, que constituiu o epílogo do Rali Emancipação, cento e tantos automobilistas e motociclistas para comemorarem o 21.º aniversário do Clube dos 100 Hora e durante o qual se exibiu, com agrado, um dos Ranchos Folclóricos da região.

Assinalando o facto usaram da palavra o Presidente da Direcção do simpático clube, Serrano Mayor, Lopes Neto (pelo S. L. B.), e o Dr. Celestino Graça que deu as boas vindas a Santarém dos ralistas e, em palavras vibrantes, produziu curiosas afirmações sobre desporto, salientando o amadorismo puro dos motoristas em contraste com o que se passa no futebol.

Quanto ao rali, propriamente dito, nada de especial há a assinalar a não ser que serviu de pretexto para uma numerosa reunião e teve a curiosa particularidade — quase novidade entre nós — dos prémios serem distribuídos após o almoço.

A prova de pericia, disputada no Planalto de São Bento foi curiosa e serviu para estabelecer as classificações que são as seguintes:

Motos — 1.ª classe:

1.º - Giordano Ferreira, Triumph; 2.º - Francisco Craveiro Oliveira, Norton; 3.º - Afonso Espalha, Triumph; 4.º - João Xavier Cordeiro, Horex; 5.º - Joaquim Pereira de Sousa, Norton; 6.º - Albano Castela Jaques, Triumph.

2.ª classe:

1.º - António Costa Monteiro, B. S. A.; 2.º - Alfredo Baptista Rodrigues, Gilera; 3.º - Fernando Espírito Santo, T. W. N.; 4.º - Victor Carvalho Galinha, Gilera; 5.º - Carlos Alberto Ferreira, B. S. A.; 6.º - Giorgio Boarotto, Victoria; 7.º - Henrique Saraiva Lobo, Norton; 8.º - António Carlos Rodrigues, Victoria; 9.º - Mendo Saraiva Lobo, Horex.

3.ª classe:

1.º - Victor Névoa, Victoria; 2.º - Manuel Gomes Terenas, Gilera; 3.º - José Nunes Correia, Gilera; 4.º - José António Cruz, Gilera.

Scoters — 1.ª classe:

1.º - Angelo Nunes Diniz, Heinkel; 2.º - Vasco Câmara Pereira, Bella; 3.º - Agostinho Silva, Vespa; 4.º - Franco Olivieri, Lambretta; 5.º - Manuel Pereira Gonçalves, Vespa; 6.º - Joaquim Duarte Vida Larga, Vespa; 7.º - Leopoldo Alpoin e Meneses, Goggo; 8.º - José Pedro Gil, Lambretta.

2.ª classe:

1.º - José dos Santos Marques, Vespa; 2.º - Victor Hugo Delgado, Lambretta; 3.º - José Gordilho Cardoso, Vespa.



POR

Fernando Espírito Santo

ESTAS modernas, carenadas e aerodinâmicas motocicletas, estudadas anatómicamente para encaixar o corpo, nas quais os italianos são férteis, fazem-me calafrios, dizia um amigo meu espanhol. « — Cá por mim, ainda verei o dia em que os esquisitos depósitos de gasolina venham equipados com uma cavidade para encaixar o nariz e uma pretuberância para acoplar o umbigo!... »

E a propósito... Já têm reparado com certeza na ridícula figura que fazem alguns senhores que passeiam na cidade, sentados nas suas motocicletas de banco corrido, mesmo na pontinha de tráz, do mesmo! O que querará dizer aquela estranha e incómoda posição?

Essa forma de condução, aliás perigosa, pois torna a moto mais difícil de dominar, pode ser muito desportiva, muito apropriada às velocidades. Mas na cidade não será um bocadinho de toleima?

E aqueles scooteristas a quem é frequente ouvir dizer cheios de orgulho: « — A minha scooter está-me quase em 20 contos! »?

Pudera... parece uma árvore de Natal!

Que me perdoem os vendedores de acessórios, não há quinquilharia que não pendurem na scooter, convencidos que isso a embeleza, quanto afinal a transformam em montra de inutilidades. Muito mau gosto, meus senhores...

UM conselho aos novos: Nunca dirija um veículo de duas rodas com um cigarro na boca. É um perigo que pode evitar. Lembre-se que basta uma pequena porção de cinza numa vista, para causar um grave acidente!

SABIA que no fim do século passado existia em Inglaterra uma Lei que proibia os motociclistas ultrapassarem os 7 kms. horários? Felizmente nessa altura ainda não tinham nascido os Ray Amm, Armstrong, Duke, etc.

Festival Motociclista do Clube Desportivo de Belas

Devido à falta de espaço só hoje podemos publicar as classificações:

GINCANAS:

Motos: 1.º Arsénio Machado; 2.º Carlos Miranda Ferreira; 3.º Adelino Oliveira Teque; 4.º José António Cruz; 5.º Alberto Simões; 6.º Evaristo Pinto; 7.º Joaquim Jorge Pereira de Sousa; 8.º Domingos Malhou; e 9.º Fernando Maunuel Bento Nogueira.

Scoters: 1.º Alfredo Baptista Rodrigues; 2.º Arsénio Cunha Machado; 3.º José Tavares Gravato; 4.º Fernando Espírito Santo; 5.º Agostinho Silva; 6.º Angelo Diniz; 7.º Domingos Malhou; 8.º Franciaco Cruz; 9.º José António Cruz; e 10.º Alfredo Pereira de Carvalho.

ACROBACIA:

Motos: 1.º Alberto Simões; 2.º Heitor Martins; e 3.º Henrique Saraiva Lobo.

Scoters: 1.º e único Heitor Martins.

Side-cars: 1.º e único: Heitor Martins.

Fernando M. B. Nogueira, Alfredo P. de Carvalho e Henrique S. Lobo, ganharam os prémios oferecidos por MOTO *Jornal* para os últimos classific.

Afonso Espalha

FOI, finalmente, dado parecer favorável da Federação Portuguesa de Motociclismo à reclamação apresentada por Afonso Espalha, quanto à alteração da prova de pericia do Rali a Lisboa (Centenário da Associação Naval de Lisboa), organizada pelo Moto Clube de Lisboa.

Ficou assim resolvido um caso que já tinha barbas brancas e que há muito, a bem do prestígio da Federação e a bem do desporto deveria ter sido resolvido.

Rali de São Martinho

O simpático Clube Arte e Sport levou a efeito, no passado dia 6, uma sessão cinematográfica que teve como pretexto o encerramento da inscrição para este rali, que promete despertar grande interesse e para o qual ficaram inscritos numerosos entusiastas do desporto motorizado, que os numerosos prémios irão compensar do extraordinário esforço dispendido para estabelecer as respectivas classificações.

Grande parte do Rali de São Martinho decorrerá de noite, sendo uma das fases mais difíceis a escalada da serra da Lousã, que terá início cerca da uma hora do próximo domingo.

O troféu «Brio Desportivo» despertou grande interesse entre os numerosos desportistas que assistiram ao fecho da inscrição e ao sorteio dos números.

Uma nova secção!...

Velomotorismo

VAI longe já o tempo em que a bicicleta motorizada não passava de um pobre veículo recebido pela maioria com sorrisos de cepticismo e, por vezes, francamente trocistas.

E, à primeira vista, o caso não era para menos.

A bicicleta
motorizada de
1950...



Pegava-se numa vulgar bicicleta, fazia-se ligeira adaptação e nela se pendurava descuidadamente um motor, quase sem preocupação com as novas qualidades de resistência, de estabilidade e até de comodidade que viriam a ser indispensáveis à máquina assim constituída. Não era ainda o *velomotor*, veículo absolutamente distinto e característico, mas apenas um motor jungido a uma bicicleta.

O inusitado de tal combinação era bem um motivo, para se adoptarem e manifestar em pontos de vista que na melhor das hipóteses, se traduziam pelas expressões de irónica benevolência com que se toleravam os «madrus» que gastavam tempo e dinheiro com tais «engenhocas».

Mas a «engenhoca» breve se impôs; e o número daqueles que foram conquistados pela nova possibilidade cresceu tão rapidamente que logo se concretizavam conceitos, se aperfeiçoavam técnicas e se criavam linhas dinâmicas que definiam um novo veículo nitidamente caracterizado: o *velomotor*.

De custo relativamente baixo e consumo limitado, o velomotor conquistou largas simpatias, especialmente nas classes menos abastadas, a quem proporciona a possibilidade de um transporte próprio, independente, rápido e económico, ocupando entre todos os outros veículos motorizados o seu lugar de importância como meio de transporte pessoal.

Estando o seu uso já amplamente difundido, larga-

mente multiplicadas as marcas e os vendedores, o velomotor assume uma posição de múltiplo interesse que não pode ser ignorada nem desdenhada.

Parecem-nos tais razões suficientes para justificar que «MOTO *Jornal*» dedique ao velomotorismo a presente secção, tanto mais que, mercê da orientação que os técnicos vêm imprimindo actualmente às características da bicicleta motorizada, esta quase só se distingue das motos por circunstâncias determinadas pela pequena cilindrada que a legislação lhe proíbe ultrapassar. Presentemente, o velomotorismo pode ser considerado a classe «cadete» do motociclismo. E tantos e tão variados interesses, tantos e tão importantes problemas são suscitados pelo rápido desenvolvimento do velomotorismo, que julgamos de bom aviso dar-lhe um lugar efectivo no programa de acção do nosso jornal, cumprindo assim a promessa implícita no artigo que sobre este assunto publicámos no nosso primeiro número.

Não intentamos a programação pormenorizada dos temas a tratar nesta secção; tantos são que quase se podem tomar ao acaso: técnica e comentários desportivos, noticiário desportivo e comercial, legislação referente ao ciclismo motorizado, o velomotorismo como des-

porto e meio turístico, conselhos técnicos para o bom uso e conservação do velomotor, etc., etc..

Esperamos poder cumprir de maneira satisfatória a tarefa que nos im-

À MANEIRA DE PREÂMBULO

POR

Daniel Magalhães

... o velomotor
de 1956!



pomos e contribuir assim, pela propaganda e defesa de interesses legítimos, para o crescente desenvolvimento de uma mentalidade sempre mais favorável e tão útil meio de transporte, de recreio e de desporto.

A Federação e os Comissários Desportivos

O cargo de Comissário Desportivo, além de ser de grande responsabilidade, requiere competência, consciência dos deveres a cumprir e honestidade.

Não será pelo simples facto de se requerer uma licença de comissário desportivo que a Federação a deva imitar.

É indispensável que o indivíduo que a pretenda reúna as necessárias condições, convindo que seja submetido às provas que demonstrem possuí-las.

Todos nós, mais ou menos, por experiência própria ou por ver com os próprios olhos, conhecemos inúmeros casos em que a incompetência, a falta de cumprimento de elementares deveres cívicos ou a desonestidade de fiscais e comissários desportivos prejudicaram este ou aquele concorrente e desprestigiou a organização das provas. E todos nós sabemos, igualmente, que existem comissários desportivos legais — isto é, que possuem licença passada pela Federação (sem que esta tenha procurado obter provas da competência e isenção do candidato), e comissários desportivos ilegais — daqueles que são arrebatados da mesa de um café e que, muitas vezes, ficam de posse de um cronómetro, para marcar os tempos, do qual desconhecem totalmente o funcionamento.

Agora, que parece que a Federação Portuguesa de Motociclismo vai entrar numa nova fase e está sofrendo, para o efeito, uma radical transformação que de há muito se impunha, agora que novos e mais activos elementos se propõem guindá-la ao lugar que só leiticamente tem representado, de entidade máxima do desporto motociclista, agora, que existe um jornal exclusivamente dedicado à modalidade — e que tanto está disposto a colaborar desinteressadamente como a apontar sem receios as vicissitudes —, agora, dizíamos, impõe-se que estes e outros assuntos sejam apontados para que não continuemos a assistir à péssima propaganda que o motociclismo tem tido e que sejam imediatamente anuladas as licenças indevidamente passadas e que a Federação exija dos organizadores que os comissários estejam devidamente documentados.

No número anterior analisámos o caso dos regulamentos. Hoje ocupámo-nos dos comissários desportivos e em cada quinzena que fôr passando iremos debatendo várias anomalias a que a Federação, colocando-se no seu devido lugar de entidade máxima e responsável, deve pôr termo.

S. M.

OS CAMPEÕES DO MUNDO, DE 1956

Com a realização do Grande Prémio das Nações, disputado em Monza, terminou este ano o Campeonato do Mundo de Motociclismo, no qual ficaram designados os seguintes campeões do mundo:

Categoria 125 c. c.

Campeão, CARLO UBBIALI, sobre M. V. - Agusta, 46 pontos. 1.º nos: «Tourist Trophy's» da Ilha de Man e da Holanda, Grandes Prémios da Bélgica, Ulster, e das Nações; e 2.º no Grande Prémio da Alemanha.

Categoria 250 c. c.

Campeão, CARLO UBBIALI, sobre M. V. - Agusta, 38 pontos. 1.º nos: «Tourist Trophy's» da Ilha de Man e da Holanda, e nos Grandes Prémios da Bélgica, Alemanha, e das Nações. Desistiu em Ulster.

Categoria 350 c. c.

Campeão, BILL LOMAS, sobre Guzzi, 24 pontos. 1.º no «Tourist Trophy» da Holanda e nos Grandes Prémios da Alemanha, e do Ulster. Não actuou na Ilha de Man, nem na Bélgica, e sofreu um acidente no Grande Prémio das Nações.

Categoria 500 c. c.

Campeão, JOHN SURTEES,

sobre M. V. - Agusta, 24 pontos. 1.º nos «Tourist Trophy's» da Ilha de Man e da Holanda, e no Grande Prémio da Bélgica. Sofreu um acidente na Alemanha que o obrigou a retirar da competição e pelo mesmo motivo não pôde alinhar em Ulster e no Campeonato das Nações.

Categoria side-car

Campeão, WILHELM NOLL, sobre B. M. W., com 30 pontos. 1.º nos Grandes Prémios da Bélgica, Alemanha, e Ulster, segundo no «Tourist Trophy» da Holanda, e não actuou na Ilha de Man, e no Campeonato das Nações.

VESPA CLUBE DE LISBOA

Foi inaugurada a sua nova sede, em casa própria, que ficou instalada na Avenida Almirante Reis, 11-3.º.

Ao simpático V. C. L. auguramos as maiores prosperidades e nova onda de entusiasmo para a realização dos seus vastos projectos.

O troféu «Brio Desportivo», esteve patente aos *vespistas* durante a simpática festa realizada a propósito,



JÚLIO MIRANDA

Fabricante de taças de casquinha
HÁ MAIS DE VINTE ANOS

Fornecedor dos principais clubes do País

GRANDES DESCONTOS AOS CLUBES

Peça catálogo ilustrado

Travessa da Cruz de Soure, 2
Telefone 28991 LISBOA

O TROFÉU "BRIO DESPORTIVO"

(Continuação das páginas centrais)

tores motociclistas muito se tem falado e especulado sobre a atribuição do troféu. Foi desde sempre ideia nossa que ninguém melhor que os próprios concorrentes se poderia pronunciar. Todavia não somos alheios às dificuldades que tal processo apresenta. Outros haverá, certamente, e talvez seja interessante que às colunas do nosso jornal venham depor os interessados, os organizadores, os fiscais de pista os membros activos da Federação e quem mais se julgar com direito a fazê-lo.

Pela nossa parte, abrimos desde já o debate com duas entrevistas, precisamente de dois desportistas que evidenciaram o seu brio desportivo correndo desde o início em inferioridade e em plena consciência dela.

Mesmo antes da sua inscrição sabiam já das desvantagens que os esperavam, mas não quizeram deixar de estar presentes na prova máxima do País.

Fernando Espírito Santo correu com uma velha máquina sem condições, cuja cilindrada era de 125 c. c. ao lado de outras de 250 c. c.

José Antonio Cruz, pilotou uma máquina de 175 c. c., sem modificações, na categoria de 250 c. c., enquanto outras duas máquinas iguais à sua estavam modificadas de forma que o seu rendimento era grandemente aumentado, como aliás se verificou.

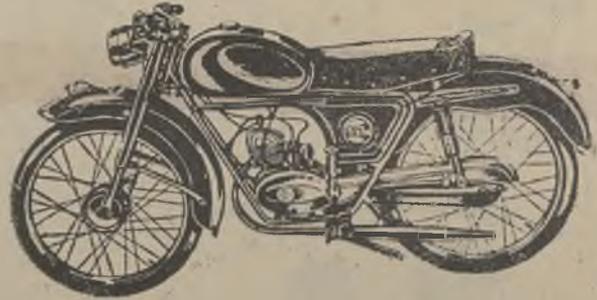
Temos ainda o caso de José Maria Lino, que correu com uma máquina de turismo, desconhecida e sem possibilidades, com 125 c. c. de cilindrada, ao lado de máquinas de sport concebidas para competição, na categoria das 150 c. c., No entanto este concorrente tem a prejudicá-lo o facto de estar a representar uma firma: portanto, o que o levou a Monsanto não foi o brio desportivo — que de modo algum lhe negamos — mas a representação da marca.

O caso de Albano Castela Jacques também não pode ser encarado por nós porque a sua máquina está especialmente pre-

parada, outro tanto acontecendo com Angelo Diniz, que foi o vencedor da sua categoria.

Outros casos de brio desportivo devem existir e só espera-

mos que nos sejam apontados para lhes darmos publicidade, porque sinceramente desejamos que o nosso troféu fique na posse de quem justamente o merece.



SEGURA

ESTÁVEL

POTENTE

ECONÓMICA

«SETA 50-N»

*Uma maravilhosa moto ligeira
isenta de taxa!*

*Consulte os possuidores das
muitas centenas em circulação!*



MICROMOTOR, LDA.

LISBOA - Av. Paris, 3 - Telef. 720164

FILIAIS: Coimbra — Faro

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS EM MOTORIZADAS

DE TODO O MUNDO

NOVIDADES

A Nova Heinkel de 125 c.c.



MOTOR: Monocilíndrico, a quatro tempos, caixa de velocidades e embraiagem reunidos num só bloco. 125 c. c., desenvolvendo 625 H P a 5.700 rotações por minuto. Arrefecimento por ventoinha. Dispositivo de arranque Siba-Dyna 12 V 90 W. Sistema de ignição automática.

CAIXA DE VELOCIDADES: Para três velocidades comandadas no guiador. 1.^a velocidade, 1: 18,9; 2.^a, 1: 9,95; 3.^a, 1: 6,14. Transmissão de força para a roda traseira por corrente em banho de óleo.

QUADRO: Em tubo de aço, perfeitamente estável.

SUSPENSÃO: Roda dianteira: garfo hidráulico, bilateral, com suspensão igualmente hidráulica. Roda traseira: forqueta com amortecedores hidráulicos.

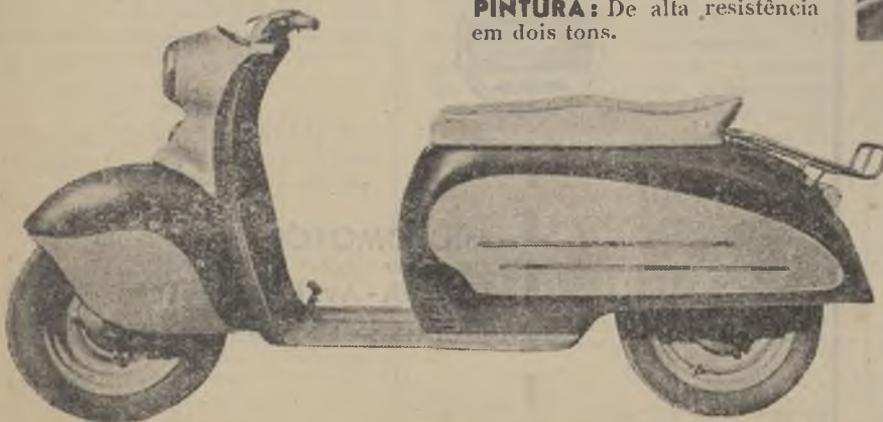
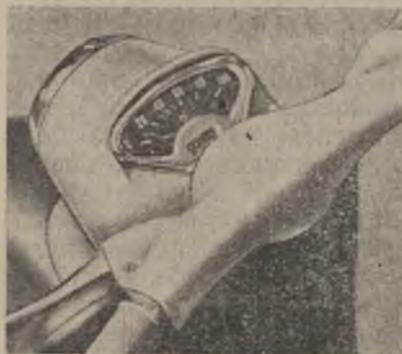
RODAS: facilmente desmontáveis, pneus antifuro, sem câmara (os primeiros desta espécie com que se equipam motocicletas), 3,50x12.

Manuel Giraldes

EQUIPAMENTO DE SERIE:

Conta quilómetros luminoso com luzes indicadores, instalado com vistoso tablier. Farol de 130 m/m com lâmpada Bilux 35/35 W, com máximos, médios, mínimos e stop, comutador combinado para ignição, iluminação e arranque. Claxon eléctrico. Dispositivo de prevenção contra roubo. Novo guiador blindado de grande elegância.

PINTURA: De alta resistência em dois tons.



CARROCERIA: Revestimento dianteiro aerodinâmico, com guarda lama. Farol acoplado. Depósito de combustível para 7,5 litros (300/400 quilómetros de raio de acção), tendo 1,2 litro de reserva. Assento de borracha espuma para dois lugares.

TRAVÕES: Grandes freios com polís interiores.

DIMENSÕES E PESO: Comprimento total: 1,910 mm; largura total: 710 mm. Peso 105 quilos. Porta bagagens traseiro. Não traz pneu sobrececente, devido aos pneus anti-furo.

VELOCIDADE E CONSUMO: Velocidade máxima para dois passageiros: 82 km/h.
Consumo normal 2,2 litros aos 100 km.

MOTO

N.º 6

Suplemento Quinzenal de

A PROVÍNCIA

N.º 87 — Montijo, 8 de Novembro de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

SOB A DIRECÇÃO DE

José dos Santos Marques

Da organização das manifestações desportivas

TEMOS assistido ultimamente a uma série de insatisfações quanto à forma como decorrem as manifestações desportivas. Desde as mal organizadas gincanas e provas de perícia e a pobreza franciscana dos regulamentos até às provas de maior envergadura, como um Rali à Praia da Rocha, um Lisboa-Porto-Lisboa ou um já esquecido Rali a Lisboa.

É pena, é mesmo lamentável que tal suceda porque com o facto todos perdem, desde os concorrentes aos organizadores (e, sobretudo, o desporto motorizado).

Não será pela falta de conhecimentos e de consciência de certos elementos escolhidos aèreamente para o desempenho de cargos de responsabilidade, tais como: fiscais, encarregados de controles, cronometristas, etc., que as provas ganharão em valor e em rectidão e que a modalidade se prestigia. É, como um dos muitos exemplos de falta de senso dos intervenientes na organização das provas, fiscaliza-se uma prova de perícia comodamente sentado no interior de um automóvel, pelo simples facto de chover. O sr. Fiscal, que também foi por gosto desempenhar o cargo, não pode apanhar chuva, mas que o concorrente a apanhe não tem importância, até se torna divertido.

Do mesmo modo, o desprestígio, o aborrecimento e o desinteresse surgem quando as provas

são mal delineadas e feitas apenas para visarem fins meramente comerciais.

O comercialismo, infelizmente, anda sempre ligado ao desporto, mas tudo se deve fazer para que o facto não ressalte tão cruamente e com tão grande desprezo pelos concorrentes que pagam a sua inscrição, quantas vezes com enorme sacrifício e tendo unicamente como estímulo o seu alto espírito desportivo.

Agora, que o motorismo parecia começar a despontar entre nós, não poderemos estar já a preparar tudo para lhe proporcionar um funeral

de primeira classe, com gatos pingados e tudo.

Não é prudente que se patrocinem provas que não só não possuem qualquer valor desportivo, como são organizadas atabalhoadamente, sem um critério rígido e sem uma orgânica capaz, competente.

Não podemos continuar a assistir, impávidos e serenos, a autênticas chuchadeiras

que nem mesmo de diversão podem servir.

Que atentem nisto os responsáveis e ponham freio a tais desmandos, a bem da causa de que se arvoram acérrimos defensores.

José dos Santos Marques

O Trofeu «BRIO DESPORTIVO»

oferecido por MOTO Jornal para o

I Circuito Motociclista de Lisboa

encontra-se exposto em Lisboa na

FILMARTE

Rua Augusta, 247 a 251

e foi fabricado pela conceituada casa

Júlio Miranda

MOTOS • SCOOTERS • VELOMOTORES

do Minho ao Guadiana

Odemira

O auxílio à Hungria

— Uma Comissão, composta pelas meninas Gertrudes Jesus de Sousa Anaya, Maria José da Conceição Barros e Custódia de Oliveira, auxiliadas pelos srs. Custódio de Oliveira Dimas, Victor Hugo da Silva Anaya e ainda pelos bombeiros do Corpo de Voluntários de Odemira, srs. Fernando Domingos Cordeiro e José da Piedade Domingos Ventura, levou a efeito um peditério, nos dias 2, 3 e 4 do corrente, a favor das vítimas dos acontecimentos sangrentos da Hungria, correspondendo assim ao apelo feito pela Cruz Vermelha Portuguesa.

Melhoramentos

— Já se encontra completamente reparada a Rua de Palhais, o que veio beneficiar inenxos motoristas, principalmente os de veículos pesados, pois até aqui eram obrigados a atravessar a localidade em toda a sua extensão e arriscarem-se a perigosas manobras devido à pouca largura das ruas desta Vila. Como a Rua de Palhais fica situada nos subúrbios, passou a ser feito por ali todo o trânsito de veículos que se destinem ao interior do Alentejo e deste para o litoral.

Também a Rua José Maria de Andrade se encontra quase concluída, aguardando-se apenas a colocação de paralelepípedos, ficando assim Odemira dotada com mais uma belíssima artéria, o que muito vem contribuir para o seu embelezamento.

Esta era, quanto a nós, a melhor altura para a C. M. O. mandar proceder à electrifi-

cação, tanto desta rua como a da que lhe corre paralelamente, a luz fluorescente, a exemplo do que têm feito as suas congéneres de Grândola e Santiago de Cacém.

Mas... como Roma e Pavia, não se fizeram num dia... Aguardemos! — C.

Alhos Vedros

Santa Casa da Misericórdia Torneio de Tiro aos Pratos

A favor do fundo de assistência da Santa Casa da Misericórdia de Alhos Vedros, realizou-se no passado dia 1 do corrente, nesta Vila, um interessante Torneio de Tiro aos Pratos.

O referido torneio realizou-se numa propriedade do sr. Victor de Sousa, participando nele os seguintes atiradores: Marquês de Vale Flor, Dr. Neves da Costa, José Inácio, Fernando Sancho, Sebastião Mira, José Luís Fernandes, Joaquim Mira, Virgílio Sancho, José Brito Caiado, Américo Jacinto, António Dias Sancho, Emídio Eusébio, Filipe Lobo, José Eusébio Caiado, Filipe Coentro, António Nascimento e Victor de Sousa.

A 1.ª parte do torneio iniciou-se pelas 10 horas, com a PROVA DE PRINCIPANTES, em que foram apurados vencedores:

1.º prémio — Américo Jacinto, Taça M. R. Pinto; 2.º prémio — José Inácio, Taça A. M. Silva; 3.º prémio — José Eusébio Caiado, Caixa de buchas para caça, oferta do sr. Emídio Pinto.

A 2.ª parte do torneio começou cerca das 14,30 horas, com a PROVA DE ENSAIO, tendo saído ven-

cedores da mesma, os seguintes atiradores:

1.º prémio — Marquês de Vale Flor, Taça Companhia Seg. Comércio e Indústria; 2.º prémio — Filipe Lobo, Taça Santa Casa da Misericórdia — Alhos Vedros; 3.º prémio — Fernando Sancho, Taça Comerciantes de Alhos Vedros.

Pelas 16,30 horas deu-se início à última prova do Torneio, Prova de Honra, tendo saído brilhantemente vencedores os seguintes concorrentes:

1.º prémio — Marquês de Vale Flor, Taça Industriais de Alhos Vedros; 2.º prémio — Filipe Lobo, Taça Junta de Freguesia de Alhos Vedros; 3.º prémio — José Inácio, Taça Companhia de Seguros Império e uma apólice de caçador no valor de 50.000\$00 da Companhia de Seguros Império; 4.º prémio — António Nascimento, Taça A. M. Silva. — (C.)

Pegões

Futebol

No passado domingo, dia 4 de Novembro de 1956, realizou-se no campo de jogos (João de Brito Caiado) um desafio de futebol entre as equipas do Grupo D. Pegões, e do Clube D. Pinhalnovoense. O jogo terminou com a vitória merecidíssima dos locais por 5-2, só não aumentando o marcador por falta de direcção no remate dos avançados locais.

As equipas alinharam: G. D. Pegões: — Jacinto, Victor Neves e Baptista, Bento e Floriano, Barnabé, Carlos, Lopes, Pinheiro e Ilídio.

C. D. Pinhalnovoense: Godinho, Jaime, Parra e Luís,

Amaro e Bórgia, Neto, Armando, Jorge, Dias e Oliveira.

Marcaram pelos vencedores, Pinheiro, A, e Ilídio. Pelos vencidos, Oliveira e Jorge. — C.

Nazaré

Caça Submarina

O Grupo Desportivo «Os Nazarenos», acaba de criar uma secção de Caça Submarina, por iniciativa de alguns praticantes da modalidade desta praia. É curioso notar que é este um dos primeiros clubes do país a criar uma secção de Caça Submarina, apesar da sua escassez de recursos financeiros ser muito incompatível com a manutenção de uma modalidade que se conhece bem ser só para ricos. Pessoalmente congratulamo-nos com o facto, pois conhecemos o valor de alguns dos organizadores.

Entretanto, lamentamos que se continue a chamar caça ao que é afinal, queiram ou não congressos ou polémicas, pesca e só pesca. Isso porém pouco importa. Essencial é que todos os praticantes desta novel actividade desportiva se regulamentem definitivamente, criando responsabilidades, de modo a respeitarem a prática da vizinha modalidade de Pesca Desportiva.

Dizem alguns que a Caça Submarina não prejudica os pescueiros. Só quem não sofreu ainda esse prejuízo o pode dizer. Por isso bem haja a ideia dos senhores Dr. Armando Laborinho e Manuel G. Coelho, da qual esperamos uma acção notável, tanto quanto a desejamos. — C.

A «Imprensa Regional»

Concretizando uma ideia

(Continuação da página 5)

grande ovação pelo êxito obtido e civismo com que decorreram os trabalhos, depois de terem sido aprovados por aclamação votos de saudação à Imprensa Diária, Grémio da Imprensa Diária, Sindicato Nacional dos Profissionais da Imprensa, à Casa do Alentejo, ao Director do jornal «Os Transportes» e à Imprensa nacional e estrangeira.

A subalternidade em que a chamada «Pequena Imprensa» vivia, arrostando toda a série de dificuldades para se manter com a dignidade necessária e servir a Grei, parece-nos ter findado nesta hora. Com a instituição da sua Associação — e ela em moldes cooperativistas — a Imprensa Regional, devidamente agrupada, vai defender os seus interesses, adquirindo direitos e regalias que não possuía. Não oferece dúvidas a ninguém ser o jornal da província uma força que não pode ser esquecida, — até mesmo pelos responsáveis da governação pública.

O jornal da província é lido nos mais recônditos lugarejos e aldeias do País, em família, no remanso serão, coluna por coluna; pelo contacto profundo dos problemas do burgo, agita-os com a repercussão de que necessitam; torna público os anseios da população que serve; divulga e ampara as iniciativas locais, ou sejam as aspirações do povo da Nação.

Concretiza-se, com o acontecimento agora verificado, uma ideia que, de há muito, germinava em muitas centenas de obreiros da imprensa provinciana.

O sucesso ou insucesso da obra agora lançada, está nas mãos dos que pelejam e mourejam na Imprensa Regional; dessas 493 folhas impressas — grandes e pequenas — que se publicam por esse País fora.

Depois de tanto papel gasto e imensa tinta derramada a clamar por tão almejado benefício, não se vá — por absurdos e inconformáveis princípios — recusar o apoio de que a Associação carece para terminar a obra a que se propôs. Atentem bem nisto os que ainda não deram a sua adesão.

O CAMINHO É, E SERÁ SEMPRE, EM FRENTE!

Luis S. Peres

Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

— Não diga isso, não diga isso... — protestava ela, sem bem saber que dizia, com a necessidade de dizer fosse o que fosse.

— Pois ainda bem, Ermelinda. Creia que me dava um grande desgosto com as suas atitudes. Falava-lhe, não me respondia; olhava-a, vivava a cara para o lado; sorria-lhe, ficava muito séria; e eu ia-me embora desgostoso e a perguntar a mim mesmo: — Mas que mal lhe fiz eu? Porque será que me trata desta forma?

— Era vergonha... era vergonha... — continuava ela em cega-rega.

— Pois ainda bem, repito. Não há como as pessoas entenderem-se, e é falando que a gente se entende. Ora se eu só quero a sua felicidade e a dos seus, porque não há-de ser minha amiga?

Ela olhava constantemente a porta que dava do quintalório para casa, num sobressalto que não conseguia disfarçar.

— E se ele se atrevesse... Que fazer? Fugir lá pra dentro, pior; fugir prá rua, escândalo... Que fazer? — E invocava os santos da sua devoção.

Entretanto, o sr. Morais aproveitava o momento:

— Há que tempos que eu esperava esta ocasião, assim a — sós, para lhe falar, — seguia ele. A Ermelinda já percebeu há muito que eu ando doido por si. Desde que a vi certo dia, ao pé da loja do João Carapinteiro, nunca mais a esqueci, nunca mais me saiu do pensamento. Sossego, também nunca mais o tive; e a Ermelinda é hoje para mim o sonho de todas as horas, a vida da minha vida. Gostava de saber o que pensa a este respeito, gostava de o ouvir da sua boca. Diga-me alguma coisa...

Ela viu-lhe outra vez aquele olhar que a despira e entrou num tremor de bater os dentes. Nunca nenhum homem lhe falara assim. Na simplicidade da sua aldeia, os namorados iam por outros caminhos: meias palavras, segundos sentidos, suspiros, apertos de mãos prolongados, certas preferências, e só muito ao fim e muito ao diante alguns atrevimentos, — quando a fervura ia em mais de meio.

Não lhe desagradava, no entanto, aquela música embaladora que lhe atormentava os sentidos e picava as carnes. Era «a mulher» em plena efflorescência.

Compreendia que as forças lhe fugiam cada vez mais e que dificilmente se poderia agora opor a qualquer tentativa mais ousada. E o tremor aumentava, aumentava...

— E logo a mãe se demorava tanto, pra ir ali abaixo ao sabão e ao clarete...

Ele percebera já que estavam sôzinhos. Os olhares que ela deitava à porta interior da casa, aquele desassossego de cá para lá, sem detença, aquele nervosismo dos olhos e dos gestos, a demora em aparecer qualquer pessoa, — tudo lhe indicava que a tinha ali, ao seu dispor, à sua vontade, e que devia aproveitar o momento propício que o destino lhe oferecia.

Foi-se aproximando e continuando:

— Não sei porquê, mas uma coisa cá dentro me diz que a Ermelinda também gosta de mim. Para que estamos, portanto, com disfarces? Não me torture mais, diga uma palavra que me encha de alegria e de felicidade.

Ela recuava instintivamente, apavorada com o calor e o entusiasmo daquelas frases. Não podia falar. Uma tenaz de ferro lhe apertava a garganta como goliha estranguladora.

Ele aproximava-se cada vez mais:

— Oiça, Ermelinda: Tenha confiança em mim. Eu não vinha aqui enganar-la e conseguir pela força o que só quero por seu desejo. As minhas intenções são as melhores, acredite. Porque se cala? Porque não me responde? Continua o seu «envergonhamento» ou desagrada-lhe tudo quanto tenha dito? Vamos... responda-me... diga-me qualquer coisa.

(CONTINUA)

ACTUALIDADES DO MUNDO

A FRANÇA

Página organizada por *Luís Bonifácio*

JARDINS DE PARIS

(Artigo de Luís Bonifácio publicado no «Notícias Agrícola» n.º 963, transcrito no jornal «Le Figaro», com o título «Jardins de France»).

Sousa Viterbo, que foi um dos mais distintos escritores do princípio deste século e colaborador do nosso prezado colega «Diário de Notícias», escreveu esta frase lapidar num seu artigo publicado nesse jornal de 8 de Junho de 1901, com o título: «Protecção às obras de arte e da natureza».

... «E no entanto a obra da natureza ainda é mais digna de respeito que a obra do homem. Uma árvore solitária, secular, cheia de seiva, como na Primavera, ou cheia de melancolia, como no Outono, não vale menos que a agulha de Cleópatra nos cais do Tamisa, ou que o obelisco de Luqsor, na Praça da Concórdia, em Paris».

Vem esta frase a propósito da crónica que se segue sobre o culto pelas árvores e pelos jardins no nosso país e em França.

Quando me refiro a jardins e vergés não posso deixar de mencionar o admirável tratamento e cuidado pelas flores no Jardim Zoológico onde o roseiral é lindo; o jardim da Estrela completamente renovado e viçoso — talvez um dos mais belos no género; Monsanto, magnífico «arboreto de Lisboa»: a exuberante vegetação que sobe pelas encostas que vão dar ao Castelo dos Mouros, em Sintra; o arvoredo à volta do convento dos Capuchos; o portão arborizado na Quinta da Penha Verde; Monserrate atinge o auge! Belos panoramas. Sob o aspecto do culto pelas árvores e flores, Portugal está quase no paralelo da França, país de equilíbrio floreal e arbóreo. Depois de ter mencionado parte da nossa riqueza florestal e de jardinagem, passo a falar dos locais mais interessantes sobre esse aspecto, em França, principiando pela semana da rosa que se realiza em Paris de 28 de Maio a 12 de Junho. A «Cidade Luz» cobre-se nesses dias de rosas, tradição que vem desde 1945 com o alto patrocínio da Federação do Comércio.

A quinzena da rosa é o prelúdio da grande estação que tem obtido o mais vivo interesse nas cidades dos arredores e mesmo na província como Dijon, Arras, o Avre, participam na cruzada de embelezamento sobre o signo da rosa.

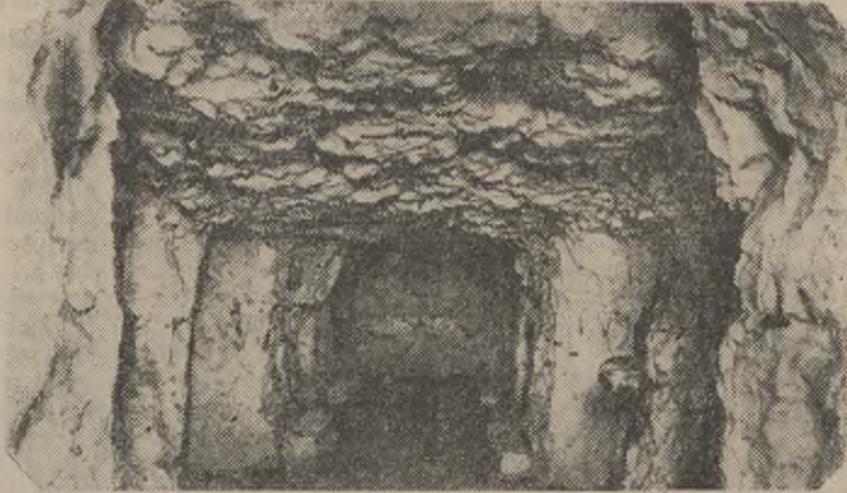
Todos os muros da grande cidade arvoram tiras de milhares de exemplares com rosas sobre fundo negro do pintor Redoute, que é tido como o símbolo do sorriso de Paris.

Bairros e avenidas e até as ruas menos concorridas têm as montras floridas. Os jardineiros vão buscar às estufas os roseirais; os artistas dos Faubourgs St. Martin, e St. Denis confeccionam, por seu lado, milhentas flores artificiais para as exposições de confeiteiros e de modistas, montes de graça e de brilho com a rainha dos jardins.

O jardim do Castelo de Malmaison é um paraíso que rodeia o templo do amor, outrora situado no parque de Malmaison, isto é, na época da Imperatriz Josefina que ali viveu.

Se nos seduz um lugar arborizado onde passear todos os dias sem fadiga, os Voges são a predilecção. Para longos passeios sob o arvoredo conduzem-nos à descoberta de um lago ou de um ponto de vista, de onde o olhar alcança a

NAOURS — Organizou a sua defesa há dois mil anos!



A velha capela medieval da cidade subterrânea de Naours.

A cidadezinha de Naours, a 35 metros abaixo do nível do solo, constitui uma réplica exacta da cidade superficial, com ruas, praças, capela, estábulos, hortas e jardins. Esta cidade subterrânea, cavada em terras calcárias, data, na opinião de certos investigadores, das invasões normandas do séc. IX, enquanto outros atribuem a sua fundação ao tempo de Atila.

Destinava-se a permitir que os seus habitantes escapassem às sevícias do invasor, sumindo-se logo que pressentiam a sua vinda. Verificamos, assim, que em França existe uma cidade capaz de proteger toda a sua população das mais poderosas bombas modernas e que esta cidade organizou a sua defesa há dois mil anos.

planície de Alsácia; a Floresta Negra, e, lá muito ao longe, os Alpes.

Mas não é preciso ir tão longe e tão alto para admirarmos os belos jardins, como o do Pavilhão de Vendôme, em Aix, na Provença — espécie do que rodeia o palácio de Queluz.

Tão curioso é que Winston Churchill ali esteve a descansar e pintar algumas paisagens.

Versalhes é o jardim mais belo, mais romântico, mais bem tratado da França, apesar de datar do século XVII. Os canteiros rodeados de buxo, e onde caprichosos desenhos se prolongam por todos os lados, lembram os hórto-pensões que sobre as muralhas de Babilónia mandou construir a rainha Semíramis, não só para diversão própria, senão para admiração alheia.

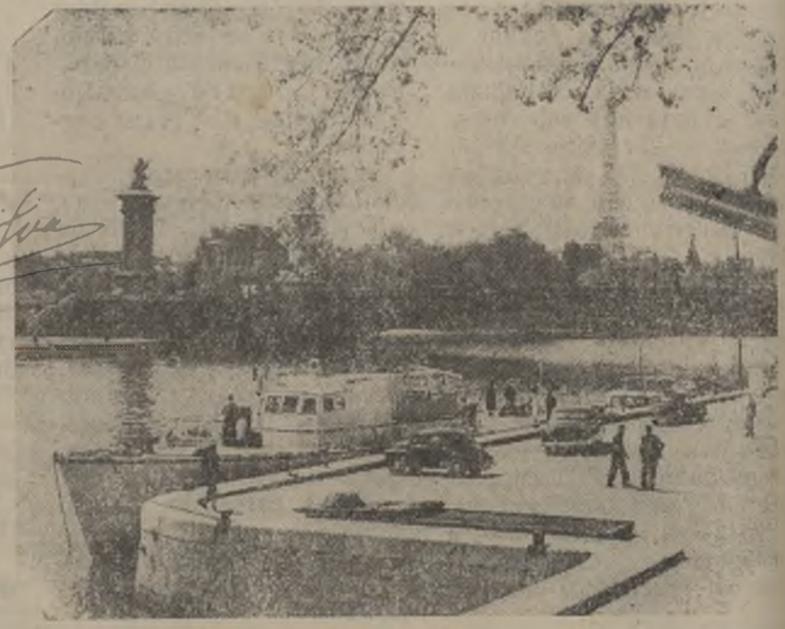
Que poesia tão penetrante... — e mais uma vez uma frase de Viterbo:

«... a paisagem fez-se para os poetas não se fez para os engenheiros; é um verso de Virgílio e não uma fórmula matemática».

E já que nos referimos à poética natureza, não esqueçamos a quadra «A árvore», de Bernardo de Passos:

*Nessa árvore, que o fruto mal sustém,
curvando para a terra o tronco ansea-
palpita um coração iluminado (do,
a derramar divinamente o Bem.*

Paris



Cais do Sena e jardins vizinhos com arvoredo.

Concurso

de

Acordeão

Realizou-se recentemente, em Paris, um concurso internacional de acordeão...

Entre muitos concorrentes, todos eles com menos de 7 anos de idade, saiu vencedor o jovem Michel Bouchard, de Casablanca.

Ei-lo sorridente — Michel tem apenas 7 anos — mostrando a taça que lhe coube como prémio, por ter sido o primeiro classificado no concurso parisiense.



VERSALHES — Festa nocturna no parque do Castelo, vendo-se a fonte de Neptuno.